



De Engenho

**O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

DO

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 2.º

AGOSTO.

Reservado da Secção
Biblioteca Nacional

**RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1813.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreeve a 4000 reis por semestre.*

(3)



AGRICULTURA.

Memoria sobre o Café continuada do N.º 6. pag. 43
Por B.***

TERCEIRA PARTE.

Amanhos do Café.

HE com a colheita que o Lavrador vê pagas suas fadigas e despesas, e a do café pede que a não principiem, sem que o fructo o denote na cor vermelha carregada passando a escura, que indica a sua perfeita maduréz. Fugamos de imitar aos habitantes das Maurícias, que pelo temor da perda, que os ratos e outros animaes os fazem soffrer, colhem antes de tempo, vindo a perder em qualidade, e peso, e augmentar o trabalho da separação ou escolha do grão, pois que vem de mistura muito miudo e inferior com o bom. A colheita nas arvores decotadas facil he, mas nas que o não forão cumpre ser feita com escadas de mão, e duplas, a fim de que não haja estrago de ramos com o tirar por elles para alcançar o fructo: reprovó que se corra a mão pelo ramo, de medo que se ofendão os rebentões, e as flores, quero porém que se colhão os fructos separadamente em cada anel, virando, e revirando a mão direita sobre si mesma, em quanto com a esquerda se segura o ramo: deve haver summo cuidado em poupar as extremidades dos ramos, e não pizar os que arrastão.

As pessoas empregadas na colheita levarão cestos ou sacos atados a si, os quaes estando cheios serão lançados em carros ou círcãos, para serem conduzidos ás eiras, por animaes. Os Arabes nunca levão a mão aos ramos do cafeseiro, e vendo que o

fructo está maduro, estendem lençoes, ou esteiras, por baixo das arvores, e sacodem-as alternativamente, julgando só maduros os fructos, que caído se desprendem. (1) Os habitantes de Yemem, persuadidos de que o café humido he sujeito a fermentar, espalham-o ao sol em esteiras, com a póipa; tirão-lhe depois o involucre seco por meio de hum cilindro de pedra, e o poem de novo a secar.

Os fructos não amadurecem todos ao mesmo tempo, e este defeito (se assim se pôde chamar) provem de que a arvore floresce por differentes vezes, e de que estando apinhoados, opprimem-se mutuamente, de modo que he mister esperar que se colhão hums para que outros gozem de liberdade, ficando-se deste modo obrigado a fazer 3 ou 6 colheitas, que, como se succedem, formão como humma só.

Ha tres especies inferiores de café, que se não devem misturar com o bom: 1.^a o infezado, ou prematuro por falta de bom tempo, ou boa vegetação, o qual, em vez de tomar côr, sêca na arvore, e cumpre colher logo que começa a amarelecer, e a manchar-se; este com facilidade se faz branco, e perde o seu oleo, e cahe. Os primeiros abanos, que se dão á arvore, o que he humma ventagem, por isso que paupa o trabalho de separa-lo do bom; recebendo-se assim apartado: 2.^a he o atacado do mesmo defeito e em peor grão, sêca na arvore antes de chegar á metade de sua madurez, por effeito de excessiva produção, com que a arvore não pôde, e que a poem muitas vezes em risco de morrer, o que de ordinario succede aos cafeteiros, que se deixão crescer livremente, e cujos ramos carregados de medulas, não tem força para sustentar o peso dos fructos, e nem a seiva a de fornecer-lhes o preciso; assim vendo-se humma rama

(1) Bryan Edwards.

ataçada deste mal, deve-se logo cortar: a 3.^a conhece-se quando se lava o café, porque sobrenada, e facilmente se separa, e tanto esta, como as mais qualidades, de café devem ser preparadas e ensacadas separadamente.

Mr. Monnercau diz que privava os seus cafeteiros do primeiro inconveniente acima notado, praticando o decote, apezar do qual, se o mal se annunciava, logo que o sentia cortava hum terço de cada humma das ramas atacadas.

Depois de colhido o café, trata-se de secar, e desta operação depende quasi toda a sua boa qualidade. Huns batem a terra, e formão ciras, ni qual o espalhão, outros lanção-o sobre cinza, outros o espalhão sobre a relva, outros calcão a cirra, e dão-lhe declive para o esgotamento das aguas das chuvas.

Todas as manhãs estende-se o café, e revolve-se durante o dia, e á noite põe-se em montes cobertos de esteiras, o que reprovo, por isso que o café fermenta, e adquire certo gosto de azedo. Melhor seria para livra-lo da chuva cobri-lo sim, mas espalhado nos sitios, em que as chuvas não são frequentes, porém mas em que o são, sou de parecer que se use das estufas, por meio das quaes secca-se melhor, e com mais promptidão.

Pensão alguns que o senco mucilaginoso da polpa pôde por este modo communicar máo cheiro á fava, porém temos experiencias em contrario, e antes vio-se que até perdia o gosto de verde, que de ordinario só perde com o tempo. Os que seccão o café com a polpa (o que desaprovo) tem a teu favor a commodidade de não precisarem de moinhos, porém tem contra si a grande perda de tempo, e por tanto o risco das chuvas &c. a acção deolve-os descasca alguns, que por isso tomão côr diversa, e dá por consequencia má venda, e o trabalho de separar augmenta de mais o muito tempo,

que se emprega em secca-lo, dá lugar a que fere-
mente, quando o que está só com o pergaminho
ou pellicula, secca melhor, e mais depressa, e está
livre de fermentar: attenda-se mais ao tempo em-
pregado em pizar, limpar, escolher, e eu estou que
em quanto se amanha huma carga de café seccó só
com a pellicula, se não faz o mesmo a tres de café
secco com a polpa.

Para seccar o café só com a pellicula, fazem-
se ciras d'alvenaria alteadas seis polegadas do chão
com rebordos em rola e d'igual altura, nas quaes
se praticão escondoiros ás agoas, calça-se bem o
fundo, e passa-se-lhe hum bitume, de modo que a
araz pareça inteiriça, dando-se-lhe sempre hum
suave declive, e se ha a precaução de abriga-lo tolas
as noites, 3 ou 4 dias bastão para secca-lo, quando
a polpa leva ás vezes tres semanas e mais.

O café na ilha de Bourbon he posto em mon-
tes, e por isso fermenta, e o que he hum defeito
es lavadores attribuem á boa qualidade.

Seguem-se varios methodos no despojar o café
da sua polpa e pellicula ou pergaminho: 1.^o os que
não podem, ou querem ter muinhos, pizão-o com
piloens: 2.^o outros uzão do moinho, que consiste
em duas rodas de madeira macias, de 6 pés de
diâmetro, e cuja espessura he de 12 polegadas; a
qual roda gira em huma tina; o movimento lhe he
communicado por hum eixo de 21 pés de alto,
que a atravessa. Outros se servem de mós, outros
de máquinas á maneira das empregadas nos lagares
de azeite. O fructo he posto em vazes d'agua por
espaco de 72 &c. horas, os grãos delictuosos vem
á superficie do liquido, tirão-se, e trabalhão-se á
parte; o fructo bem entopado he posto em ciras
por 20 dias, depois dos quaes dessecão-se, e joel-
rão-se: o 3.^o methodo consiste em passar pelo
moinho o café recém colhido, e esmagá-lo antes de
ser molhado, e tendo já estado dez dias ao sol i

o 4.^o methodo he fazer tirar a polpa, em quantos
está vermelha (como nas Antilhas), para o que
logo que os negros lanção os cestos de café nas
separaçoens, ou caixas feitas para esse fim, e que
levão mais do que a colheita de hum dia, passão-o
à noite pelo moinho: este pelo seu movimento de
rotação, leva com si os fructos, e os comprime
contra huma lamina de ferro, e immovel; a peneira
posta por baixo não deixa passar a polpa, outra
rede ou peneira mais fina que a primeira (ambas
de arame) ainda limpa mais o grão, que cabe para
hum tanque de alvenaria, ou tinas de madeira,
e passa n'agua toda a noite, para que se separe o
gluten; e o grão lavado, he posto a seccar; por
este meio se aprompta o café quatro vezes mais
depressa do que pelos outros.

Vendo que a mucilagem glutinosa da polpa era
o que retardava a dessecação do café, Mr. Brulley
o fez bater por alguns minutos em leite de café
mui deluido, o gluten desapareceu, e não havendo
necessidade de deixar então o grão n'agua, espal-
hou-o em balcoens, onde seis horas de sol bastarão
para pa-lo em estado de ser recolhido ao arma-
zen. O café assim preparado, além da bella cor,
que conserva, tem hum aroma muito mais suave.
He muito grande vantagem a de privar o café de ficar
por muito tempo n'agua; pois que isso deve alterar
mais ou menos o café, que he impossivel não per-
der do seu aroma, quando está n'agua muito tem-
po, e huma vez que o fructo passou a ous 3 dias
n'agua, apparece na superficie escuma avermelhada,
que deona applicando-se-lhe fogo, o que prova a
desenvolucão do gaz inflammavel.

Mr. Tussac apresentou no Jardim das Plantas
de París huma machina dita *Kéris*, com a qual em 3
dias se secca o mesmo grão, que se seccaria em 6 se-
manas por meio dos esteiroens: a machina consiste
em hum cylindro em fórma de tambor, cujas bases

são de madeira, prezas a varetas, também de madeira ou de ferro, cercado de hum rede de arame de latão dividido interiormente em 6 ou 8 compartimentos feitos em rede do mesmo arame, e que partindo de duas varetas, vão-se apertando até unir-se no lugar, por onde passa o eixo, e abrem por meio de hum charneira; pelo meio, e ao longo, passa hum eixo de madeira com manivela em hum dos extremos: he este tambor collocado em hum estufa, e aqui se enche de café com a polpa, ou sem ella, e se faz girar por meio de hum força qualquer, e á medida que se volve, muda o grão continuamente de lugar: os compartimentos impedem-o de cahir todo para hum lado, e alteram assim a rotação; seca-se com presteza, e a pellicula, que envolve o grão, com facilidade se despega. O cilindro tem 8 pés de circumferencia, e 15 de longo.

Procurei a Mr. Tussac para ver tanto a maquina, quanto examinar o seu processo acerca do licor, que extrahê da polpa do café, a que chama Rome de Café (1). Sobre este artigo nada me quiz communicar, dizendo que eu o veria quando publicasse a sua Flora das Antilhas; porém mostrou-me a maquina, que he segundo descrevi, e obtendo-lhe eu que o calor do fogo podia fazer com que o café perdesse do seu aroma e pezo, respondi com a experiencia de muitos annos, e confessei que quanto ao pezo assim era, porém que a differença tão limitada he em comparação da brevidade da mão de obra, que era coiza que se podia desprezar.

(1) Este licor vem anunciado nos Annaes do Muzeo de Paris, e os Lentes desta corporação, que o provarão, assegurarão-me ser excellente, e ter hum gosto longe do café. A lembrança de Mr. Tussac he tanto mais para estimar, quanto a polpa do café era lançada fóra: os Arabes porém fazem d'ella hum infusão, que bebem.

Tornando á operação de pillar o café, digo que convém expo-lo ao sol por dois dias successivos antes de pillar-lo, e não começar senão no terceiro dia, pois que o melhor café, se não he pizado depois de bem seco, esmagase, e fica esbranquiçado ao sahir do pillão.

Em quanto hums pizão, outros se empregão em joear o café, a fim de que se limpe da pellicula, arás, grãos quebrados &c. Depois de joearlo, os peneirado, leva-se de novo ao sol em balcoens, á imitação dos que nos servinhos para secar o assucar.

Tem-se imaginado moinhos de joear, mas os que os não tem, fazem como se pratica com o trigo, levantando-o ao ar com pás; outros uzão de grandes peneiras de arame, de malhas maiores e menores, e depois de passado por ella, a escolha á mão he menos difficil.

Lança-se o café, mesmo quente, em barricas, e cobre-se com muito cuidado, precaução, que ajuda á boa qualidade, fazendo o grão mais rijo, e dando-lhe a côr, de que o sol o havia privado; deixa-se assim 5 ou 6 dias, e depois dá-se-lhe ainda hum dia mais de sol.

Hum dos maiores cuidados, que pede o café, he livra-lo da humidade; esta o faz perder todas as suas boas qualidades, e tanto mais ganha, quanto mais seco se conserva.

Os sacos de folhas de palmeira são os melhores para guardar o café, tanto pelo seu preço, quanto porque atrahe pouca humidade, e se se poem duas capas, tanto melhor.

Cumprê não pôr o café nas embarcações em lugares humidos, pois que se sabe o quanto atrahê a humidade, e nem perto de materias cheirosas, pois que não he menor a sua tendencia em adquerir cheiros: assim não se ponha ao pé de cachaça, tabaco, especiarías etc. Miller refere que hum navio vindo da India chegou com toda a carregação

do café perdida, porque vinhão com ella varios sacos de pimenta.

Grande numero de experiencias se tem feito para livrar o café dos cheiros, que attrahe a si, mormente do de marezia, e só a que teve exito feliz foi a de lança-lo em agua fervendo por alguns minutos, e expolo depois ao calor de Sol ardente, ou ao da estufa.

Tudo quanto he a bem da Agricultura, e que pôde incitar a imitação, desejo que se publique: razão porque refiro o que praticou o Consulado d'Havana, e que vem publicado no correio Mercantil de Hespanha de 23 de Abril de 1797, humas das maiores atenções da Havana (1) foi sempre animar a Agricultura, mormente pelo que pertence aos estabelecimentos pouco consideráveis, porque contribue da maneira mais segura ao augmento e aos progressos tanto da população como da riqueza (2): elles são o emprego dos colonos, que tem meios limitados para interpretar fabricas tão dispendiosas quanto os engenhos d'assucar, etc. Este consideração levou o concelho a tratar com predilecção os cultivadores do café, desta produção humas das mais preciosas d'America: em consequencia nomeou commissarios que examinassem os meios de animar este ramo de cultura, e reconhecido que, apesar da protecção concedida por El-Rei, esta cultura não avultara quan-

(1) O Consulado d'Havana he ao mesmo tempo tribunal para os negocios contenciosos de commercio, e conselho d'administração para os progressos e amelhorações da colonia: foi creado aos 4 de Abril de 1794, sendo de las Casas Governador da Ilha de Cuba.

(2) A população da Ilha era de 300 mil habitantes quasi todos indigenas, e quando muito o quinto só de escravos.

to se esperava da fecundidade das terras (3); das vantagens de que gozava no mercado, e dos seus beneficios, e falta de direitos, que se lhes haviam concedido; em attenção do que o consulado pensou que se devia attribuir o abandono notavel d'essa cultura á ignorancia, em que se achava geralmente o paiz sobre o methodo, que lhe he mais conveniente, circumstancia que lhe provou que os seus esforços devião tender a aperfeçoar os methodos, e que para este effeito se deveria formar humas escola pratica sustentada pelo Governo: á vista do que prometteo sem interesse algum, e pagaveis em termos commodos, o adiantamento do valor de 10 escravos, ao colono, que cultivasse melhor o café, e tivesse a sua fazenda em estado de servir de escola ou modelo para as outras: portanto hum dos membros foi nomeado para examinar as diversas plantações: enviada a sua relação, procedeo-se á adjudicação do premio, na sessão de 29 de Março do anno seguinte, e a maioridade de votos foi em favor de

(3) Pretendem que de todas as colonias situadas entre os Tropicos, Cuba, S. Domingos, e Porto Rico são as mais ferteis: todavia se da actividade, que apresenta a vegetação, se do viço, valentia, e formosura das plantas de hum paiz podemos concluir para a sua fertilidade, calando o parallelo, que dos productos da cultura das Colonias estrangeiras, com mais bem entendidos methodos, mais trabalho etc. podia fazer com o do nosso terreno, recomendo só que visitem o Museo de Paris, nas Salas consagradas ao Reino vegetal, comparem as mesmas plantas, nascidas em outras Colonias, com as nossas, vejam se aquellas podem sustentar a mesma magestade de vegetação: talvez que o demaziado amor da Patria me deslumbrasse, porem gosto de enganar-me, quando em erro, que tem plantas por objecto, tenho por companheiro o nosso insigne Botanico o Abade Corrêa da Serra.

Dr. Antonio Roboredo; a Sociedade Patriótica ajuntou a aquelle premio o de trezentas piastras mais. Não he o valor pecuniario dos premios o que mais incita os homens, outros ha que elevão a alma e são mais apreciaveis ainda; por quantos milhões daria hum General Romano a Coroa de Loiro, que recebia na Capitollia depois do triumpho? No mesmo Periodico vem o resultado dos trabalhos do dito Roboredo, o capital necessario para estabelecer hum plantação de café, despezas annuaes, que ella exige, e beneficios, que produz; e por achar que vale a pena de ser lido, convido a quem poder obter aquelle periodico que lance as suas vistas sobre o artigo em questão, e quando este escrito filho de hum pobre de idéas, e só rica de Patriotismo, não causar outro bem, ao menos annunciando as obras dos autores, que tem escrito sobre o café, ao mesmo tempo que incita a curiosidade, encaminha para se poder satisfazer, o que he sempre hum bem.

HYDROGRAPHIA.

Reflexões sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de hum nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuada no N.º 1.º pag. 17.

ILHA GRANDE DE ROCHA.

LE-se em hum livro intitulado *Descrição Geographica, e Roteiro da Região Austral Magalhãnica*, impresso em Madrid pelo Capitão Seixas, que em Maio de 1675 Antonio da Rocha em seu regresso da Ilha do Chilloé (na Costa do Chille) dobrara o Cabo do Horne, e entrara no Oceano

Atlantico Meridional; porém não se sabe se pelo Estreito de Maire, ou por Leste da terra dos Estados, onde encontrou ventos tempestuosos da parte do Oeste, e correntes rapidas, que a lançarão para Leste, de maneira que o impossibilitarão de avistar as terras, que formão o Estreito de Magalhães. e como já nos fins de Maio se sente o inverno naquelles climas, Rocha principiou a desespertar da sua navegação; porém estas inquietações cessarão quando hundo mais para avanti, descobrio hum terra desconhecida a Leste, e fazendo todos os esforços para se aproximar, ganhou hum bñia, deitaz de hum ponta, que se estendia para o SE, onde encontrou 28, 30, até 40 bracas de fundo tença de areia, distinguindo-se para dentro da terra montanhas cobertas de neve. Rocha esteve 14 dias exposto a ventos fortes, e quando aclarou o tempo, reconheceo que tinha fundado a extremidade daquelle terra, descobrindo para o SE, e Sul, mais terras altas, cujos cumes se divisavão cobertos de neve. Por fim huma ligeira briza do SE, permittio o fazer-se á vela, e navegando ao longo da Costa de Oeste da Ilha, deixou as outras terras meridionaes ao SE, e ao Sul; de sorte que o canal lhe pareceo de 10 legoas; as correntes o levarão com rapidez para o NE, pois no intervallo de hora e meia, que navegou a ENE, se achou fóra da paisagem, e fazendo derrota para NO por 24 horas, lhe sobrevieo hum vento tempestuoso da direcção do Sul, que o obrigou a correr por tres dias para o Norte até o paralelo de 46.º Sul, onde a tormenta acalmou, e Rocha, julgando-se livre dos perigos, determinou a derrota para a Bahia de todos os Santos, tendo encontrado na latitude de 45.º humm Ilha alta, que elle diz ser muito grande, e de agradável vista, com hum bom porto á parte de Leste, no qual esteve 6 dias para se prover de agua, lenha, e peixe, sem que visse, durante este tempo,

habitantes, e nada mais encontrou até largar ancora na Bahia de S. Salvador. He quanto se deduz do diario nautico de Rocha, inserido na dita obra do Capitão Seixas. Quanto á primeira terra, que Rocha viu, julga-se ser aquella mesma, que *M. Gayot* reconheceu em 1756, e a que tomou Ilha de S. Pedro, fixando a sua posição em $29^{\circ} 20'$ Sul, e $29^{\circ} 11'$ ao Oriente do Cabo de Horne, isto he, a sua parte mais meridional; *Cook* tambem avistou esta terra, nomeando-a Ilha Georgia e a situou entre os paralelos de $54^{\circ} 57'$ e $53^{\circ} 57'$, e os meridianos de $29^{\circ} 8'$ e $31^{\circ} 47'$ a Leste do dito Cabo.

A segunda terra, ou Ilha Grande de Rocha, todos crem ser a mesma que *Americo Vesputio* descobriu na sua 3.^a viagem em 1502, á qual os Geógrafos tem assignado diferentes posições em razão de não terem conhecido o diario original deste antigo Navegador. A vista do exposto, todos os publicadores Hydrographicos tem assentado em collocar a Ilha Grande de Rocha sobre huma posição de conjectura, ou aproximação, isto he, situando-a em o paralelo de 45° a 30 legoas para Oest, da primeira terra, que Rocha viu.

O Capitão *Cook* na sua primeira viagem, tendo sahido do Rio de Janeiro, dirigio a sua derrota de tal fórma, que se afastou pouco da Costa do Brazil, e Magalhãica: por consequencia não pôde fazer nenhuma pesquisa relativa ao reconhecimento da Ilha de Rocha, porém o Chefe de Esquadra *La Perouse* fez huma indagação formal, procurando-a por todas as diferentes posições, segundo as cartas, de maneira que este infornunado navegador deduzio que a Ilha Grande lhe parecia ser como a Ilha *Pépis*, isto he, huma terra fantástica, apezar desta ultima ter sido vista na viagem de *Cowley* em 1683, em posição pouco differente daquella assignada á Ilha de Rocha: não obstante o referido, parece-me (segundo a minha fraca

intelligencia) que a Ilha Grande existe, pois se pelo diario de Rocha se sabia a existencia daquella Ilha, que *Cook* reconheceu, e denominou *Georgia*, verificando-se por este modo o credito da obra do Capitão Seixas, segue-se que, sendo a vista daquella Ilha apoiada pela mesma obra, se não pôde duvidar de que exista, e que somente seja fantástica a sua posição; visto que *Durymple*, na sua carta, a situa sobre o meridiano de 89° para Occidente da passagem, donde o Capitão Rocha principiou a fazer derrota ao NO, e em outras cartas se vê situada a 3° para Oriente do meridiano do Estreito de Rocha: havendo huma differença em posição de perto de 11° : Eu sei que esta não se pôde saber senão por conjectura; porém com menos differença; pois apezar de se não deduzir o sentido do diario do referido Navegador, relativo á distancia, que navegou em as primeiras 24 horas, e se a derrota foi feita pelo rumo do NO, ou no quadrante deste nome, como tambem o não sabermos o rumo, que Rocha seguiu do paralelo de 46° para 40° , onde se diz encontrara a Ilha; com tudo, se a parte do diario inserido na dita obra de Seixas dissesse somente, que Rocha viu huma Ilha na Latitude de 45° , parecendo-lhe ser alta e grande, poderíamos estar então certos (vista a pesquisa de *La Perouse*) que Rocha se tinha enganado, tomando por terra alguma nuvem, como por muitas vezes tem succedido; pois sabe-se que nas regiões distantes da Zona Torrida a evaporação do calor do Globo he muito menor, e por consequencia a capa densa do ar, não alcanza á muita altura, e que parecendo tocar a sua superficie, retem as nuvens, as quaes não podendo eleva-se, cobrem aquellas paragens de huma nevoa ou arrumação quasi perpetua, que conforme as circumstancias se toma por terra; porém nós vemos que o diario diz que não só aquelle navegador, encontrara a Ilha, mas que

fundlara á parte de Leste em huma abra muito boa, na qual estivera 6 dias, logo pelo que fica dito, e mesmo pela navigação que os navegadores modernos tem feito para encontrar a Ilha grande, deduzo que esta terra existe, e que a sua posição, assim como se conjectura com tanta differença para Oeste na Carta de *M. Dalrymple*, se deve suppr hum a igual differença, porém para Leste, visto que o Capitão Rocha navegou por tres dias com vento tempestuoso, que o obrigara a correr para o Norte, e somente abandonou no parallello de 46° , pois suppondo que no primeiro dia da sahida do Canal não fizette mais que 1° em Latitude, fazendo a derrota ao NO., como elle diz, vê-se claramente que no parallello de 53° he que principiou a correr para o Norte, e não deveria fazer mais caminho por hora que de 5 millas para chegar á Latitude de 46° . Logo he muito provavel que o Navio, a correr com huma tormenta, fizesse muito mais caminho do que aquella distancia, verificando-se por este modo o sentido de Rocha ser correr para o Norte, mas por huma derrota obliqua no quadrante do NE., não só em razão da variação da Agulha ser na referida paragem muito sensivel, e da parte Oriental, como tambem porque ainda que o dito navegador seguisse a direcção de NNE ou NNE com o temporal, não tinha outra maneira de notar, na sua discripção, a direcção que o Navio tomou, obrigado pela tormenta, senão da forma que elle se expressa, dizendo se vira obrigado a correr para o Norte; por não estar em uso na pratica analizar os rumos até ás quartas, bem entendido quando se falla em geral de hum acontecimento; e pelo que respeita aos navegadores, que tem procurado esta Ilha, devo dizer que somente de passagem he que o tem feito, e isto por ficar a sua posição nas cartas pouco distante da derrota da Costa do Brazil para os Estreitos de Magalhães, ou de Mai-

re: as indagações que la Perouse fez, depois que se fez á vela da Abra da Ilha de Santa Catharina, para reconhecer a Ilha Grande, forão feitas com toda a attenção, porém limitarão-se em Meridiano mais occidenal daquelle, que eu julgo deveria servir de limite, pois la Perouse principiou a sua indagação no meridiano de 4° para Leste da posição na Ilha na Carta, e navegou para Oeste, entre os parallellos de 44° e 45° , de sorte que, tendo feito 15° em Longitude, abandonou o projecto de a procurar. Este mesmo navegador tinha premeditado o principiar a procura-la por hum meridiano, não de 2° , como fica referido, mas sim de 10° , porém parece-me que lhe servio de inconveniente o estar a estação já hum pouco avançada, não só porque deixava chegar antes do fim de Janeiro, como porque os ventos occidentaes na Costa Magallanica são muito frequentes já naquela estação.

Vancouver no regresso da sua viagem da Costa do NO da America, procurou esta Ilha, porém de passage: eis aqui as suas formais palavras: „ a Ilha Grande de Rocha jaz nas Costas por $45^{\circ} 30'$ de latitude Sul, e $314^{\circ} 20'$ de Longitude: no dia 4 de Junho de 1795, achando-me pela Latitude de $46^{\circ} 16'$ e $310^{\circ} 8'$, continuei a navegar com hum vento forte, de sorte que a 5 a Latitude foi de $45^{\circ} 30'$, e $312^{\circ} 55'$ de Longitude: o tempo estava claro, e huma terra, que estivesse de 10 a 20 leguas de distancia, forçosamente se deveria ver; no dia 6 a Latitude foi de $45^{\circ} 6'$, e a Longitude $314^{\circ} 50'$, e nada se viu, excepto hum grande numero de passaros (o mesmo vio la Perouse): no dia 7 o mau estado do Velame e Aparelho me constrangeo a abandonar a pesquisa da Ilha Grande. „ . . .

A' vista do exposto fica claro que Vancouver não procurou esta Ilha senão no espaço de $4^{\circ} 42'$

de Longitude, e isto suppondo que esta terra possa estar situada por 46° de Latitude, o que he contra toda a probabilidade; e em quanto ao que o mesmo Navegador diz de que humra terra, que estivesse a 20 leguas de distancia, forçosamente se deveria ver, não ha em todos os casos, visto que do estado da atmosphera e da elevação das terras depende o avistarem-se de mais, ou menos distancia: e eu observo que o Brigue *Chatam* em a mesma expedição de Vancouver descobrio em Novembro de 1791, a ESE do Canal da Rainha Carlota (na Nova Zelandia), e a 120 leguas de distancia, humra Ilha alta, da qual o Capitão Cook na sua viagem passou o meridiano pela parte Septentrional a menos de 20 leguas de distancia, e na 3.^a expedição cortou o dito meridiano pela parte meridional a humra igual distancia, sem com tudo perceber signal, que indicasse aproximação de terra. Mal suporia Cook que dentro do pequeno triangulo, que o seu Navio descreveo, ficasse humra Ilha bem extensa, bem alta, e bem povoada. Humra igual observação se pôde fazer relativo ao grupo de *Snares*, descoberto pelo mesmo Vancouver a 100 leguas para SO. da Ilha *Chatam*, que elle se admittiu de ter escapado á attenção do Capitão Cook, visto que este navegador tinha passado a menos de 11 leguas dos *Snares*. Humra semelhante conclusão se tira das asserções deste navegador, pois tendo na segunda viagem penetrado para dentro do Circulo Polar Antartico, e achado impossivel continuar para o Sul, resolveo navegar para o Norte, com a idéa de procurar directamente a terra descoberta em 1779 por *Herguelen*, de sorte que no 1.^o de Fevereiro de 1773, achando-se pela Latitude de $48^{\circ} 30'$ e $58^{\circ} 7'$ de Longitude, e não vendo o menor signal de terra, fez navegar a Leste a tempo que o Capitão *Furneaux*, Commandante da Aventura, lhes fez signal para passar á

falla, e lhe deo noticia, que elle é toda a tripulação acabavio de ver hum grande pão de mangue entrelaçado com outros mais pequenos, e hum grande numero de passaros. Isto com effeito he hum signal certo de aproximação de terra, porém como Cook não podia saber se lhe ficava para Leste ou para Oest, projectou fazer 4 até 5.^o para Occidente, e depois continuar a sua pesquisa para Leste, mas apezar de não poder realisar esta navegação, em razão do máo tempo, com tudo no dia 3, achando-se na Longitude de $60^{\circ} 47'$, e supondo que este meridiano era mais Oriental 3° , que aquella assignalado á Ilha de *Herguelen*, perdeu as esperanças de descobrir terra a Leste, e em consequencia dechillo procura-la para Oest: porém nada encontrou. Agora será necessario reflectir que, na Longitude de $60^{\circ} 47'$, Cook fazia-se estar 3° para Leste da terra descoberta em 1772, a tempo que elle jazia 8° para Oest, como o mesmo navegador reconheceo, quando visitou esta terra na viagem seguinte em 1776.

Logo, se os Circumnavegadores da epoca dos Circulos de Reflexão e dos Chronometros, tem circumstancias, que os obrigão a publicar as suas descobertas com tanta differença em posição, não he de admittir que as terras, descobertas pelos navegadores da epoca dos instrumentos de sombra, se achem situadas em posição muito differente da que elles publicão. Por consequência julgo que para se fazer humra indagação, com que se ponha fim a tantas incertezas, seria necessario que a pesquisa da Ilha Grande fosse feita de premeditação; quero dizer procurando-a do Oest para Leste, que he o que se não tem feito até o presente; e com razão, pois os navegadores, que ficão apontados ao cortar o paralelo daquelle Ilha, não querem apartar-se para Leste a procura-la; na razão da frequencia dos ventos Occidentais por aquellas pa-

rajes lhes servir de inconveniente á derrota de tomar sonda da Costa Magalhânica, antes de penetrar o Estreito de Maire. Logo se deve principiar a correr para o Oriente em o meridiano, donde la Perouse começou a navegar para o Occidente, devendo-se abandonar a indagação, logo que pelo parallelo de 45° se tiver chegado a cortar a derrota do Dr. Halley, e a causa de determinar por limite Occidental aquelle Oriental de la Perouse, he porque estou bem certo que para Oest deste ponto, o que aquelle infortunado não achou, outro qualquer não pôde encontrar. Pelo que respeito ao Dr. Halley, devo dizer para melhor intelligencia, que este Astronomo sahio da Ilha Grande da Costa do Brazil em 1700, e navegou para o Sul até o parallelo de 53°, tendo cortado o parallelo da Ilha Grande de Rocha a 20 leguas para Oest da posição assignalada por *Dalrymple*; o Capitão *Bouvet*, em 1738, fez-se á vela da Ilha de Santa Catharina, dirigio a sua navegação ao SE, até encontrar a derrota de *Halley*, de sorte que as duas derrotas destes navegadores, e aquella que descreveo o Capitão *Furberius*, quando pela segunda vez se separou de Cook, limitão hum espaço de 320 leguas quadradas, e que até o presente não tem sido trilhado por algum navegador.

MINERALOGIA.

Continuação da Memoria do Dezenbargador José Bonifacio de Andrada.

Mina de Buarcos e suas pertenças.

A Mina de Buarcos merece que fallemos della em primeiro lugar, por ser o mais antigo estabelecimento dos que hoje existem. A sua historia, que vou em breve delinear, dará mais hum documento irrefragavel das causas, porque tem sido impossivel em Portugal fazer durar, e prosperar estabelecimento algum montanístico.

O seu descobrimento, e primeiros trabalhos, foram devidos a hum Inglez morador na Figueira, quasi nos principios do reinado do Senhor D. José I. de gloriosa memoria; depois mandou lavrar S. M. por sua conta; e por má direcção, e falta de conhecimentos na arte montanística, ficou abalado e rachado o monte, e alagou-se, e estragou-se a mina; pelo qual motivo ainda hoje sofre esta mina pelas fendas, que abriu no monte, pelas queas finalmente em 1804 o mar inundou de todo a mina velha. Já então se havia suspendido o trabalho das Ferrarias velhas de Figueiró dos Vinhos.

Em 1785 se fizeram obras grandiosas, mas inuteis, galarias, obras de extracção e ventilação, nada aproveitaram; e já em 1808 por falta de es-paldamento e escoramentos das escavações, estava tudo alagado e desmoronado. O que junto a outras causas fez hesitar se se devia abandonar de todo este estabelecimento; porém pareceu mais acertado emendar e aperfeçoar do que destruir. Foi preciso fazer quasi tudo de novo: machinas, carros, novas bocas de ventilação, carreiras novas de extracção; entulhar galarias velhas, abrir outras novas, fazer bombas para facilitar o esgoto, fazer novas

ferramentas, segundo as regras da arte, desentulhar e fazer novas praças, concertar casas, armazens, telheiros, forno de cal; abrir nova estrada para a Figueira; e por fim aproveitar e reduzir a cultura as terras da charneca, que em 1789 tinha comprado a Rainha Nossa Senhora, e jazião inutilizadas, bem que para o sustento dos bois da Mina se gastassem por anno dois contos de reis. O resultado destes trabalhos foi exportar-se para Lisboa em Setembro de 1803 hum grande numero de pipas de carvão, de que havia 5 annos não se extrahia hum grão.

Suspendidos estes trabalhos em Janeiro de 1804, ficou a mina abandonada até Setembro do mesmo anno e tudo se arruinou, e destruiu, de maneira que em Novembro fez o mar hum rombo por huma das fendas antigas, de que já falei, e mallogrou todos os meus trabalhos. A Administração pecuniaria deste estabelecimento, na forma do Real Decreto de 4 de Maio de 1804, havia passado á Direcção da Fabrica das Sedas, e Obra de Agos Livres.

Não perdi o animo; comecei de novo em 1805 a fazer novas pesquisas ao Sul e ao Norte da mina velha alagada para descobrir os vícios, e por-me a salvo da inundação. Trabalhei anno e meio; e por fim tive o gosto de abrir huma nova mina com duas bocas, hum grande praça, cavada no monte para assentar as machinas, e pôr o carvão extrahido, tudo livre dos insultos do mar, e da communicação da mina velha. Achei carvão tão bom, como o melhor de Inglaterra, que pôde ser ganhado e extrahido com pouca despesa, por ter parado o esgotto das agoas.

Pastemos á natureza dos bancos, e ao que pôde ministrar a mina nova. O carvão de pedra na mina de Buarcos acha-se em seis diferentes camadas ou veios, que se dirigem na hora 3 da agulha do mineiro, isto he de Nordeste a Sudoeste, e se

inclinão ao horizonte com 33 grãos para o Oriente. Contando estas camadas de carvão de baixo para cima, o 1.º veio, que he a mais possante, anda entre 36 e 40 pollegadas de grossura, sobre elle pouso o 2.º veio de carvão de 9 pollegadas, que tem por tecto 4 ou 5 palmos de marne argilloso: este marne, pela sua molleza e esbrouamento ao ar, se cava ao mesmo tempo que o carvão do 2.º veio. Sobre este marne vem hum banco de pedra calcarea de 24 pollegadas de grossura; e sobre este o de carvão de 9 até 10 pollegadas; e por cima 4 ou 5 palmos do mesmo marne, que se cava do mesmo modo com o carvão do 3.º veio: sobre o marne vem outro banco de pedra calcarea rija; e sobre este vem o 4.º e 5.º veio de carvão de 6 pollegadas, que he o superior e ultimo. Na mina velha só se extrahia o 1.º e 2.º veios, e ás vezes o 3.º, mas nunca o 6.º por não haver necessidade.

Em a nova mina tem-se profundado até o 1.º veio 180 palmos obliquos, e despesando por hora todos os mais veios, fallando só deste, em hum semana podemos tirar deste unico veio 40 pipas de carvão, pois 50 até 60 palmos quadrados de superficie, com a grossura do veio dão hum pipa de carvão.

A despesa necessaria para tirar estas 40 pipas por semana he 153\$760. Logo vem a saber a pipa de carvão a 3844 reis. Mas o carvão hum por outro não se deve vender a menos de 1200 reis por pipa, o que importa em 48000 reis; logo ficão liquidos de lucro por semana 246\$240 reis. Ora isto he, trabalhando-se somente no primeiro veio; porque a tirar-se tambem o 2.º e 3.º, como se faz ás vezes, então os lucros são mais que o dobro; porque poupo-se despesa com os officinas de inspecção; logo havendo consumo de carvão e trabalhando-se no 1.º veio, pôde render a mina acima de 12 contos de reis por anno.

Além destes lucros he preciso tambem admittir em linha de conta o que renderá o forno de cal, e a fabrica de tijolo; e se se acabar a fabrica de vitriolo, igualmente o que dará este estabelecimento, de que ha tanta falta no Reino. A lavoura das terras paga os amanhos, e sustenta o gado da mina, que tambem serve para a mesma lavoura. Não entro na miudeza destes estabelecimentos, porque já fallei delles em outro lugar.

Tenho mostrado a grande utilidade e proveito, que pôde dar esta mina, mas tudo será baldado, se o seu carvão não tiver consumo e sahida certa. As providencias, que se podem dar para este fim, são as seguintes: 1.^o Que S. A. R. ceda da sua marinha dois hiates á administração das Minas, os quaes se empregarão no transporte do carvão para Lisboa, e para o Porto, e do Porto para Lisboa: 2.^o Deve haver hum armazem Real em Lisboa, onde se descarreguem e vendão os productos das minas; como carvão, ferro, tijolo, &c. Estas duas providencias já estavam dadas antes da retirada de S. A., e nomeado hum negociante para commissario: 3.^o Continuarem debaixo da Administração das minas, os Fornos de cal da Lapa da Moura, vendendo-se a sua cal, ou á Administração das obras publicas, ou aos particulares; porque este estabelecimento dá muito lucro ás minas de carvão, como mostrarei depois: 4.^o Insinuar-se aos distilladores de agoardente das fabricas de Lavos, que destillem com carvão de pedra, e construaõ novas fornhalhas, vedando-se deste modo o estrago, que tem feito nas lenhas daquelle districto, que vão faltando absolutamente, e para isto devem estar seguros os fabricantes de que a Companhia do Alto Douro não poderá estender os seus privilegios além do Mondego: 5.^o que a Companhia do Porto destille com carvão de pedra, e não lenha, e use do de Buarcos misturado com o do Porto na sua fabrica dos arcos de ferro, e

nas forjas das obras da Barra e estradas; como igualmente nos seus fornos de cal: 6.^o que nas saboarias, fornos de cal de Lisboa, tinturarias, fabricas de rehinar assucar, e outras, não se use senão do nosso carvão de pedra: 7.^o que nos Arsenaes Reaes do Exercito e Marinha, e nas Fabricas Reaes de Polvora em Barcarena e Alcantara se introduza do novo o uso do nosso carvão, como se praticava no tempo do Tenente General Bartholomeu da Costa: 8.^o que em vez de lenha se subministre carvão de pedra aos quartéis dos Soldados e navios Reaes, construindo-se para isso as competentes fornhalhas: o que tambem se praticará nos Hospitaes Reaes e Publicos: 9.^o que os fornos de cozer pão para a tropa usem do nosso carvão de pedra, construindo-se novos á Ingleza, para o que darei os riscos necessarios: 10.^o Que a Junta do Commercio não dê licença, nem privilegio novo, nem renove os antigos ás fabricas, que gastão combustivel, sem a obrigação expressa de usarem do nosso carvão.

Para dar sahida ao tijolo da Real Fabrica de Buarcos hajão as Administrações das Agoas Livres e Obras Publicas de lhe darem consumo por hum preço estabelecido e arrezoadó.

Lembrei acima os lucros, que pôdem dar os fornos de cal da Lapa de Moura, agora os demonstrarei melhor pelo seguinte orçamento.

Despesas 999,680
 Producto — Hum forno de cal gastando 5 pipas e meia de carvão e 84 carradas de pedra (como se suppoz no orçamento acima) produz pelo menos 84 miltois de cal, que a 1800 reis o moito importa 151,200

Lucro liquido de hum forno por Semana 51,520
 Ora demos que não trabalhe hum forno por anno senão 45 Semanas, temos de lucro annual 2,318,400 reis. Mas he de notar que naquelle estabelecimento da Lapa de Moura ha tres fornos,

que pôdem trabalhar ao mesmo tempo; e então se poderá dar a cal com muito lucro a menos de 1000 reis o mole.

Fabrica de ferro da foz do Alge, e suas pertencas.

A mineração, e fabrico do ferro, como já disse na introdução, foi muito extensa nestes reinos: ainda em tempo dos Senhores D. João III e D. Sebastião se tirava muito ferro na Villa de Penela, como diz Duarte Nunes de Leão, e de hum Carta Regia do Senhor D. João III, escrita ao Desembargador Luiz de Azevedo, Corregedor de Moncorvo, consta que naquella Villa, e na de Oure e seus termos se minava muito ferro, e havia mais de 50 forjas, que trabalhavão de continuo, e porque os Mineiros não pagavão cousa alguma á Fazenda, nem tinham o ferro por direito Real, o dito Corregedor os condemnou a 8 coroa por pesoa, segundo o regimento antigo da Fazenda. Estes e outros estabelecimentos porém acabarão no tempo dos Filippes. Pela gloriosa aclamação do Senhor Rei D. João o IV a falta, que havia no Reino de balla, artilharia, ferro em barra, e verga, e pregaria, obrigou o mesmo Senhor a mandar estabelecer de novo as Ferrarias de Thomar e Figueiró dos Vinhos, para as quaes deu regimentos em Outubro de 1634 e em 1687; e por fim o Senhor D. Pedro II outro novo em 1692. Foi nomeado Superintendente Francisco Dufour, Official Francez, que servia no exercito do Alemtijo, a quem succedeu Pedro Dufour seu filho em 1697, o qual fez vir de França por contrato 4 mestres para os engenhos, que havia hum em Thomar no sítio do Prado, e outro na Machuca termo do Avella. O Senhor Rei D. Pedro II mandou construir outro novo na Foz do Alge, lugar que aproveitia para a

nova fabrica, que S. A. mandou erigir pelo Alvará de 30 de Janeiro de 1802. Morio Pedro Dufour passou a Superintendencia para os Corregedores e Provedores da Villa de Thomar, e forão definando as Fabricas até 1761, em que de todo cessarão. Acabarão pois essas fabricas, e se arriunário de todo.

Em 1802 principiou-se com muito fogo a trabalhar outra vez em tão importante estabelecimento; mas logo em Setembro de 1803 tudo parou, e tudo principiou a arriunar-se até Agosto de 1804, em que de novo se derão alguns soccorros.

Muito custou a dar com o verdadeiro methodo de fusão, e de refino, por causa da natureza dos mineraes de ferro e do combustivel, que era carvão de cepa; mas conseguiu-se fazer hum milagre em Metallurgia, e he fundir-se ferro com cepa rachada em vez de carvão, e refina-lo em barra pelo mesmo modo, poupando-se desta maneira muito em jornaes, e combustivel. De mineral de ferro ha hum grande abundancia por aquelles sítios, e de cepa igualmente, alem de muitos pinhaes, carvalhos sobros, e castanheiros, que tem o districto.

Segundo a experiencia das fundições, que se fizerão, e das despesas dos refinis, vem a ser os gastos necessarios os seguintes:

Ordenados	1:080\$000
Despesas dos 3 refinis	2:312\$000
Ditas de fundição	4:266\$000

Total	7:598\$600
Productos	13:266\$000
Lucro	5:667\$400

Para realisarmos este lucro he preciso acabar dois refinis, em que se gastará pouco mais ou menos, 650\$ reis. Quando se queirão construir mais refinis, e trabalhar com a s.a. fornaga, havendo os avanços necessarios, então duplicará o lucro.

Deste orçamento, que he o mais desfavoravel, que se pôde fazer para a Fabrica, e fundado nas despesas, que se fizeram em tempos de provas, e do ensino dos Officiaes, ainda estrangeiros, dos quaes a muitos faltava a pratica destes trabalhos, se vê o quanto perderia o Estado, se devesse parar esta Fabrica. Demais, ainda quando a Fabrica não desse lucro algum, devião sustentar-se, e ampliar taes estabelecimentos, principalmente nas 3 fornaças de ferro, como esta da foz d'Algo, e seus competentes reinos, teremos todo o ferro preciso para Portugal e suas Colonias, e poderemos alimentar muitas fabricas de pregaria, espingardaria, e outras, de que tanto precisamos, pois que ha muito mineral de ferro em todas as Provincias, especialmente em Tras os Montes, Beiras, e Estremadura Alta, com muitas lenhas e cepa, e boas localidades. Não causa lastima o ver que em 1801 levião-nos os estrangeiros só em metaes em barra, e obrás, e em carvão de pedra, acima de 90 milhoes de cruzados?

E porque razão se suspenderá o trabalho da fabrica? Porque tem gastado cabedae? Estes serão precisos para levantar, e crear este bello estabelecimento, e muita parte consumirão os ordenados de homens, que vindos de fora para outros estabelecimentos, que se projectavão, e que não se fizeram, carregarão sobre o cofre das ferrarias, os quaes agora cessão, porque muitos destes estrangeiros tem partido, e partirão para o Brazil.

Os Ordenados, que se pôdem poupar, se reduzem em somma a 1:89000 reis, despesas inúteis, e que as circumstancias tornarão torcosas.

Tenho exposto todas as economias, que se pôdem praticar na administração desta fabrica; e espero o Governo protegerá hum tão bello estabelecimento, para que não inutilise sem motivo tantas despesas: agora só me resta lembrar algumas pro-

videncias, que se devem dar para conservação e manutenção da fabrica. Além de se ministrarem os cabedae necessários para o custeio de hum anno, deve o Governo ordenar que todo o ferro forjado seja com preferencia comprado pelos Arcebispos Reaes do Exercito, e Marinha, e pela Administração das Obras Publicas; pagando-se porém indefectivamente o seu importe, para que não falem nos annos seguintes os cabedae necessários: 2.^o Que do Arcebispo Real do Exercito vão para Figueiró dos vinhos, como já S. A. R. tinha determinado, 2 Mestres Moldadores para aprontarem as formas necessárias de panellas, cassarolas, fogoes, &c, pois que este artigo de ferro coado he tão preciso a Portugal, como lucroso á nossa Fabrica.

Continuar-se-ha.

LITTERATURA.

Continuação das Maximas, Pensamentos, e Reflexões Moraes. Por hum Brasileiro.

Nosce te ipsum.

O Nosso amor proprio argüe de soberbos aquelles, que o não lisongea.

A riqueza do avarento, transmitida ao prodigo, se assemelha ao fogo de artifício: leva muito tempo a fazer-se, consome-se em pouco, e diverte a muita gente.

A pezar da extinção do Paganismo ainda ha muita gente, que adora a Deozza Fortuna.

Os ricos e poderosos raras vezes se esquecem

do que valem, e somos tão avaros em louvar os outros homens, que cada hum delles se cre authorisado a louvar-se a si proprio.

A vaidade não he menos benefica do que a virtude; ainda que sejam diversos os motivos e fins da sua benevolencia.

O avaroento por hum máo calculo soffre de presente os males, que recheia no futuro.

Há muitos homens que se estimão porque se não conhecem perfeitamente.

Raras vezes o prazer da posse e da fruição corresponde á expectativa e alacridade dos nossos desejos e esperanças.

Há pessoas, que affectão desprezar a morte, para occultar o horror, que ella lhes causa.

A civilidade he a arte de encobrir o nosso amor proprio, e lisongear o dos outros.

Nenhum tempo, e nenhum lugar nos agrada tanto como o tempo que não existe, e o lugar em que não estamos.

O nosso bom, ou máo procedimento he o nosso melhor amigo, ou peor inimigo.

O homem não conhece os seus verdadeiros interesses.

A economia com o trabalho he huma rica e preciosa mina de ouro.

A amizade a mais perfeita, e a mais duravel he aquella, que contrahimos com o nosso interesse.

Ninguém avalia tão caro o nosso merecimento como o nosso amor proprio.

Há pessoas, que dizem mal de tudo por inculcar que prestão para muito.

São falsos quasi sempre os nossos juizos, quando as nossas paixoes os determinão.

Os Legislaadores não legislarão contra a avareza. Que penas podião cominar ao avaroento, que excedessem ás que elle voluntariamente soffre pelo seu vicio?

Mentem mais os nossos gestos, semblante e maneiras, que a mesma lingua.

Somos impellidos pelo amor proprio a dar grande importancia ao que nos pertence, e diz respeito, sem considerarmos, que os outros homens nada curão dos nossos interesses, tenão em relação ás vantagens, que podem resultar para os seus proprios.

O coração do homem he hum corpo, em que brotão, simultanea ou successivamente, sentimentos de heroes, e de lacaio.

A sabedoria he reputada geralmente pobre; porque se não podem ver os seus thesouros.

Há homens, cuja actividade he semelhante á dos macacos, importuna, desordenada, e ruinosa. Elles trabalham, e se fadigão incessantemente em damno alheio, e seu proveito proprio.

O avaroento acha tanto prazer em não gastar, como o prodigo em dispendir.

O meio mais efficaz de medrar no Mundo, e agradar aos outros homens consiste em identificar-nos com elles, affectando esquecer-nos de nós, e parecer, que só nos occupamos da sua ventura, quando tudo referimos ao nosso interesse.

Somos tão indulgentes com as pessoas, que amamos, como austeros e cruéis com aquellas, que aborrecemos. Perdoados tudo a hums, e nada os outros. O nosso amor proprio absolve, e condemna; segundo os seus sentimentos.

Assim como no mundo physico os fluidos penetraõ e dissolvem os solidos, igualmente no mundo moral o geito rende e subjugua a força.

O homem douto e erudito he semelhante a hum cofre cheio de moedas antigas e modernas, entre as quaes há muitas falsas, e cercetadas.

Por muito sagaz que seja o nosso amor proprio, a lisonja quasi sempre o engana.

Há homens tão corrompidos e velhacos, que

julgando os outros por si, se tornão incredulos sobre a existencia da probidade em alguém.

O nosso amor proprio nos ensina a lisongear o dos outros.

Muitas vezes sacrificamos o nosso amor proprio nas aras do nosso interesse.

*Apotheosis Poetica ao Illustrissimo e Excellenissimo
Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza, Vice-Rei
e Capitão General de Mar, e Terra do Brazil &c.
Canção offerecida no dia 10 de Outubro de 1785.
Por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Profes-
sor Regio de Rethorica, na Capital do Rio de Ja-
neiro.*

E Gregia flor da Lusitana Gente,
Nobre inveja estranha,
De antigos Reis preclaro descendente,
Luiz, a quem se humilha quanto banha
Do Grão Tridente o largo Senhoria,
Desde do Amazonio até o Argentio Rio.

Em quanto concedeis repouso breve
A's redeas do Governo,
Ouvi a Muza, que a levar se atreve,
Ao som da lyra d'ouro em canto eterno,
O Nome vosso a ser brilhante estrella,
Onde habita immortal a Gloria bella.

Só ás Filhas do Ceo foi concedido
Do Lethes frio, e lasso
Os Heroes libertar; calca atrevido
Tempo devorador com lento passo,
Tudo quanto os mortaes edificarão;
Nem deixa os eccos das acções, que obrarão.

Receba o vasto Mar no curvo seio

Os marmores talhados;
O amoroso Delfim, o Tritão feio
Respeitem temerosos, e admirados
A moralha, onde Thetis quebra a furia,
Do maritimo Jove eterna injuria.

Ao ar se eleve a Torre magestosa
Thesouro amplo, profundo
Das riquezas, que envia a populosa
Europa, e Asia grande ao Novo Mundo;
Por quem soberbo, o Rio, ao mar te assomas,
Tu, que do mez primeiro o nome tomas.

Lago triste, e mortal, no abismo esconda
Pestifero veneno;
E o leito, onde dormia a esteril onda,
Produza os bosques, e os Jardins amenos,
Que adornando os fresquissimos lugares,
Dem sombra á terra, e dem perfume aos ares.

O vosso invicto braço os bons proteja,
E os soberbos opprima:
Modelo sempre illustre em vós se veja
D'alma grande, a quem bella gloria anima;
Regendo o sceptro respeitado, e brando;
Digno da mão, que vos confia o Mando.

Os justos premios de emula Virtude
Da vossa mão excitem
Ao nobre, ao generoso, ao fraco, e rude:
As Artes venturosas resuscitem;
E achando em vós hum inclino Mecenas
Nada injejem de Roma, nem de Athenas.

A paz, a doce paz contemple alegre
 As Marciaes bandeiras;
 Prudente, e justo o vosso arbitrio regre,
 E firme a sorte de Nações inteiras;
 Derramando por tantos mios novos
 A ditosa abundancia sobre os Povos.

Cresça a prospera industria, que alimenta
 Os solidos thesouros;
 O ocio torpe, e a Ambição violenta
 Fujão com funestissimos agouros;
 Fuja a ceja Impiedade; e por castigo
 Negue-lhe o Mar, negue-lhe a terra abrigo.

Ações famosas de lavour mais dignas,
 Que as de Cezar, e Mario!
 Vós não sereis ludibrio das malignas
 Revoluções do tempo iniquo, e vario:
 Que as bellas Muzas, para eterno exemplo,
 Já vos consagrão no Apollino Templo.

Lá se erige mais solida columna
 Que o marmore de Páros;
 E longe dos teus golpes, ó Fortuna,
 Lá vive a imagem dos Heróes preclaros:
 Assim respeita o tempo os nomes bellos
 De Scipião, de Emílio, de Marcellos.

Entre estes vejo o Achilles Luzitano,
 Que prodigo da vida,
 Foi o afoite do barbaro Africano,
 E exemplo raro d'alma esclarecida,
 De que são testemunhas nunca mortas
 D'Ourique o campo, de Lisboa as portas

O grande Vasconcellos vejo armada,
 Que arranca, e despedaça
 O alheio ferreo jugo ensanguentado;
 E soberbos Leões forte ameaça;
 Da guerra o raio foi, da paz o leme;
 America inda o chora, Espanha o teme.

Quem he, o que entre todos se assignala
 No provido conselho?
 E no valor, e na prudencia iguala
 Da antiga Pílos o famoso velho?
 He Pedro, que com hombros de diamante
 Foi de hum, e de outro Ceo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso vos espera
 Apar de taes maiores,
 Inclito Heroe, na scintillante esfera?
 Eu vejo o Busto, que entre resplandores
 As virtudes, e as Muzas vos levantão
 Ao som dos hymnos, que alternadas cantão.

Luiz, Luiz a abobeda celeste
 Por toda a parte sôa;
 E tu, Clio, tu que lhe teceste
 Com a propria mão a nitida coroa,
 A voz levantas, entornando as Graças
 O nectar generoso em aureas taças.

Delicias dos humanos, clara fonte
 De justiça, e piedade,
 Não sentirás do pallido Acheronte
 Ferreo sonno, nem densa escuridade,
 Cantou a Muza: a inveja se devora,
 E o tempo quebra a foice cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os Orbes luminosos,
Dá vida a Eternidade ao novo Busto:
Hum chuveiro de luz sobre elle desce
E nova Estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a Lyra,
De louros enramada;
Recebe... ella já voa, e sobe, e gira,
Rompendo os ares d'esplendor cercada;
Já Satellite adorna o Firmamento,
E te acompanha lá no Ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz habitador do Tejo
Canta que a nova Estrella,
Banhada em luzes da Rainha Augusta,
Reflecte ao novo Mundo a Imagem della.

A ausencia de Armia.

RONDÓ.

O Campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.

Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta a amargura,
Retrata a agonia.

Pergunta-se a causa?
Ausentou-se Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante
Das margens sahia.
Agora em segredo
Molho já corre,
Parece que morre
A sua alegria.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia.

Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

As setas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Guido
Mais ledo o não via.

Agora encerrado.
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Zombava da sorte
Elmano ditoso,
No seio mimoso
O prazer bebia.
Agora aos suspiros
Succedem os ais,
Em ancias fataes
Aborrece o dia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de hum bem,
Que adora constante,
O bello semblante,
O gosto infundia.
Agora em tormentos
Exhalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Elmano Bahiense.

*Descripção de huma tormenta. Por B.****

*D'un tonnerre éloigné le bruit s'est fait entendre
Les flots en ont frémi, l'air en est ébranlé.*

Poem. das Estações por Lambert.

QUAEs na Campina os olhos alongando
Apoz montes, montanhas sobranceiras,
Surgir cuidamos, terminando o espaço;
Surge das ondas triplicado manto,
Mediondos monstros finge, e desdobrado,

A abobada celeste inteira obumbra.
Com rosto mercencorio repellindo
Os abraços de Thetis, baixa Phebo,
E a torva claridade, que promete
Medonha noite, com seus raios morre.
De envergonhadas somem-se as estrallas,
Das trevas na espessura insulto achando
O scintillar, que as Ceos abrilhantára.
Aquilo atraído sopra escasso:
No ar as nuvens já rotas pelecão:
Largas as vagas ponderosas rolão:
Ao longe muge o mar, o trovão ronca,
E sobre o negro azul do mobil campo
D'arrebentadas ondas ferve a espuma.
O relampago os olhos fere e ofusca,
E das trevas o lucto mais negreja.
Sibilla, zune pela enxarcia o vento:
Já mil boiantes serras se atropelão,
Huns sob' outros relampagos se abração,
Os ares ardem, os trovões rimbombão;
Ao rude embate das pejudas nuvens,
Dos rotos bojos os coriscos saltão.
A chuva em catadupas se despenha,
Embravecido o vento, e o mar rebramão.
Qual o volátil povo, que repouza
Nas tenras hastes, que menicia o vento,
Balança a antena a nautica companhia.
D'ambos os bordos rotas as escotas,
Com furia açoita o ar farpada vella.
Estatico ante a morte o nauta espera,
Da morte o aspecto augmenta o amor da vida.
Com voz forçada o animo releva
Dos abatidos socios, ao trabalho.
Da encapelada vaga ao rude encontro
O bordo inclina, estoirão as enxarcias.
Qual dos ventos batido anoso robe,
Do cimo da montanha derrubado,
Mostra a raiz ao Ceo, o masto tomba.

Da liquida montanha o pezo ingente
 Com surdo estrondo no convez baqueia :
 Qual estoirra a roqueira, assim quebrando
 Da nave no costado, a vaga estruge ;
 Co' impeto o ar, tremendo, a quilha sulca.
 Este ao machado corre, aquelle à bomba ;
 Todos aos Ceos a voz, e as mãos levantão,
 Aos Ceos, seguro e ultimo refugio.
 Amigo do infeliz, o Ceo o escuta,
 A esperanza o sustenta. Pouco, a pouco
 O véo caliginoso levantando,
 Da bonanza desponha a leda face.
 Já não brameim as ondas, já se aplanão:
 Surdo rola o trovão, fuzila a espaços :
 Aquillo fatigado a furia quebra.
 Desprendidas da verga as velas descem.
 Já do animo cahe da Morte o pezo,
 Traz aos rostos a cor o livre sangue,
 A' boca, aos olhos a alegria vò.
 Libertos o coração dos nós do medo ;
 E os nautas, entregando os lassos membros
 No somno, da fadiga refocillão.

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo sobre a introdução das Artes no Reino, que escreveu sendo Enviado na Corte de Paris no anno de 1775.

DIZ-me V. M. que está lastimoso o Commercio do Reino, porque as nossas mercadorias (por falta de valor) não tem saca; e que os Estrangeiros para se pagarem das que metem no Reino, levão o dinheiro: mal he este, que pede remedio prompto; porque, se continúa, perder-se-hão as conquistas, e o Reino: as conquistas, porque a sua conservação he dependente do valor dos fructos, que nellas se cultivão; e se não tem valor, não tem gasto; nem se podem commutar pelo infinito numero de generos, de que os moradores dellas necessitão: o Reino, porque o dinheiro he o sangue das Republicas, e succede no corpo politico com a falta de dinheiro o mesmo, que succede no corpo physico com a falta de sangue: sem dinheiro, e sem commercio poderão viver os homens, mas da mesma sorte que vivem os Indios no Brazil, e os Negros em Africa, dos fructos rusticos, e naturaes; mas sem sociedade civil, que he o que os distingue das feras? Estes principios não necessitão de prova; passemos de examinar a natureza do mal, á dos remedios. Dizem os Politicos, que o mal procede do luxo, e das modas introduzidas no Reino, dos gastos superfluos da Nobreza nos vestidos, nos adornos das casas, nas carroças, e no excessivo numero dos criados; e que praticando as Leis Sumptuarias, as prohibicoens, e pragmaticas contra os gastos superfluos, não meterão os estrangeiros no Reino mais que o necessario, e não sahirá do Reino o muito dinheiro, que por aquelle cano saí continuamente. He muito boa razão

esta; e foi praticado em todos os Reinos, e Republicas bem governadas: he doutrina derivada das fontes de Platão, e Aristoteles: seguida e approvada de todos os Autores; e sobre que se fundarão varias Leis, que achamos no Direito Civil.

A Ley Papia regulava em Roma as cores, que as Damas honestas podião vestir, e taxavio a quantidade de ouro, com que se podião adornar. A Ley Fabia limitava o custo dos banquetes; e a Ley Fennia o numero dos pratos; com pena pella transgressão, não só a quem convidava, mas aos convidados. A Ley Julia ordenava que se não fechassem as portas, e as janellas das cazas, em que se davão os banquetes, para que pudessem ser vistos e examinados dos Censores; cujo supremo Tribunal foi creado para a execução das Leis Sumptuarias. He conveniente, e justo que se pratiquem entre nós; mas o noisso mal he de qualidade, que não basta este remedio. Dizem os mercadores que procede este mal dos excessivos direitos, que tem nas novas Alfandegas as drogas do Brazil; e ainda as do Reino, que os Estrangeiros levão; e augmentação desta sorte: os Estrangeiros não ganhão nos generos que levão de Portugal, senão nos que metem; e hão de pagar-se delles ou em fazendas, ou em dinheiro; e sendo certo que perdem nas fazendas, e no dinheiro, he tambem certo que levão aquillo em que menos perdem; e que levão o dinheiro porque perdem menos nelle: com que se se abaixassem os direitos nas Alfandegas, perderião menos nas fazendas, que no dinheiro; e esta razão ha muito boa; porque he certo, que se os mercadores perdem por exemplo vinte e cinco por cento no dinheiro, e vinte e quatro nas fazendas, hão de levar antes as fazendas, que o dinheiro. Não reprovo esta razão, antes me parece digna de se executar; mas tenho por certo, que não procede o mal deste principio, e ambos estes remedios não

servirão mais, do que de entreter o achaque sem o curar: cortaremos os troncos, mas como fica a raiz, ha de produzir os mesmos effeitos.

Communmente gritaõ todos que se executem as Leis, que prohibem a saca do dinheiro; que se visitem as Naos, que sahem do Reino; que se castiguem capitalmente os culpados neste delicto; mas este remedio he inutil; a experiencia o tem mostrado assim, e a razão o mostra; porque os mercadores estrangeiros hão de pagar-se, ou em fazendas, ou em dinheiro, e se estas fazendas não bastão (como provarei), hão de levar o dinheiro, apesar de todas as prohibições, e de todas as diligencias, e castigos: e daqui nasce, que deste unico remedio não faço nenhum caso.

O primeiro remedio das Leis sumptuarias curaria o mal, se o dinheiro, que nos levão, fora só o pagamento do que nos metem superfluo; mas como he certo, que não he só do superfluo, mas do necessario, não são aquellas Leis o remedio do mal: alem de que, que Leis destas vemos observadas? Se a vaidade dos homens se curará, facil execução terião aquellas Leis; mas como he quasi impossivel aquella execução, esta he a razão: porque Tibério (no Senado) reprova a publicação das Leis, que só servião de descobrir a impotencia das Leis, contra aquelle vicio de muitos annos introduzido, como refere Tacito.

O segundo remedio de abaixar os direitos nas Alfandegas, e o preço das drogas do Brazil, he remedio, que curaria o mal, se as drogas do Brazil fossem bastantes para pagar aos estrangeiros o preço de todas as fazendas, que recebemos delles; como por exemplo; se recebemos oito milhoens, e temos quatro que dar em troco, necessariamente havemos de pagar o resto em dinheiro: não he com tudo para desprezar este meio, por duas razões: 1.^a porque, se os estrangeiros perdem mais

em levar fazendas, que em levar dinheiro, como affirmão os homens de negocio; levarão menos em dinheiro tudo o que levarem mais em fazendas, e drogas. A 2.^a razão, he porque a falta de saca de nossos assucares, não procede só da carestia delles, mas das fabricas, que os Ingлезes, Holandezes, e Francezes tem nas Ilhas da America; e a diminuição dos preços dos nossos, junta com a sua bondade, lhe facilitava a saca, sendo o seu vil, e custoso; e por esta razão ouvi a muitos mercadores estrangeiros, que por facilitarem o gasto dos seus assucares, os misturavão com os nossos.

CAPITULO 1.^o

Qual he a causa da saca do dinheiro do Reino.

O Commercio se faz ou por permutação, ou por compra, e venda, trocando fazendas e fructos, por fructos e fazendas; ou pagando a dinheiro. Deste principio sabido em direito, se seguem tres estados de commercio, o 1.^o rico; 2.^o mediocre; 3.^o pobre: O rico he quando hum Reino tem mais fazendas, que dar, de que os outros necessitam, do que tem necessidade de receber; porque pello valor, em que excedem as fazendas, e fructos, que dá, ás que ha de receber, necessariamente recebe dinheiro. O mediocre he quando tem fazendas, e fructos, que dar em igual valor, aos que recebe; porque nem se empobrece dando dinheiro, nem se enriquece recebendo-o. O pobre he quando necessita de mais fazendas para dar; porque necessariamente paga o excesso a dinheiro.

Nós estamos neste 3.^o estado de commercio, e esta he a unica causa, porque os estrangeiros tirão o dinheiro do Reino. Elles o confessão assim. O Marquez Durazo, Rezidente de Genova em

Paris, me disse que o seu commercio com Portugal se perdia; porque metendo em sedas, papel, e outros generos muitas fazendas, tirão em assucares, e tabacos em maior quantidade do que podião gastar; donde se segue terem os armazens cheios destes generos, e se vendião em Genova a mais baixo preço, do que em Portugal, o que os obrigava a levar dinheiro, com risco de lhes ser tomado, pelas nossas prohibicoes.

Os Ingлезes só em tres generos de bacias, pannos, e meias de seda, e lan (deixando outros de menos conta) metem no Reino hum fazenda inestimavel: só em meias de seda me disse hum Inglez pratico, que gastava Portugal oitenta mil pares; que a quatro cruzados cada par, fazem trezentos e vinte mil cruzados. O que tirão do Reino são azetes (que tambem tirão da Italia), sal, (supposto que do de França se servem para o uzo commum das cozinhas, e mezas) fructa de espinho; assucar, (ainda que com pouca conta pelo muito que fabricão nas suas Colonias da America) tabaco com a mesma pouca conta, porque o cultivo nas mesmas Colonias; pão brazil, e outras couzas de menos consideração: dizem que tudo o que tirão lhe não paga duas partes do valor, do que metem; e daqui se segue, que não sei Não Inglesa do Porto de Lisboa, sem levar grande somma de dinheiro. Os Francezes metem grande numero de fazendas, como são tafetás, estólos de seda, e lan. Sarmezão he hum Ilha junto a Ar Rochella, aonde se fabricão sarjas, e estamenhas, vivendo deste trabalho mais de dez mil pessoas; e toda a saca he para Portugal; chapões, e fitas de toda a sorte, em quantidade incrível; e chega isto a tanto, que até aos nossos alfaiates, e capateiros tirão o sustento, mandando capotes, e vestidos feitos; talias, botas; e até saltos de chapatos. Deixa hum numero de bagatellas, de que não he a me-

nor as obras de pedras falsas, cabelleiras, relógios, espelhos, e outras. Tirão de Portugal pão brazileiro, assucar, e tabaco, com a mesma pouca conta que os Inglezes; algum azeite (porque tem muito em Languedoc e Proença), lãns (particularmente depois da guerra com Castella), e outras couzas de menos conta, como são fructas de espinho, cheiros, madeiras do Brazil, doce da Ilha da Madeira, marfim, sumagre (que tambem he boa droga para outras partes). Elles mesmos dizem, que tirão algumas couzas mais por necessidade, que por interesse, não lhes sendo possível tirar dinheiro por tudo; e me conta, que não vem embarcação, nem se retira Francez de Lisboa, sem trazer a maior parte do seu cabedal em dinheiro. Há poucos mezes, que desembarcou hum na Artochella, e levando á Alfandega algumas caixas de assucar, tirou de huma dellas, á vista de todos os Officiaes, vinte mil cruzados em dinheiro.

Hollanda, Suecia, e Amburgo metem em dinheiro todas as couzas necessárias para a fabrica das Naos; como são Polyora, Ballas, Ferro, Bronze, Cobre, e todas as obras de Arame. Hollanda introduz grande quantidade de Sarjas, Estamenhas, Duquezas (particularmente da Coergan), e o que mais lastima, as drogas da India; e tendo não as melhores madeiras do Mundo, de lá nos vem huma grande quantidade de fabricas de madeira, como almarios, e contadores; e pela sua mão temos as armações de Flandes, as pinturas, e outros communs adornos das Casas: de couzas que servem ao sustento, nos metem queijos, manteigas; e os Francezes, e Inglezes bacalhão; e nos annos estierres nos vem de França huma grande soma de trigo, e cevada.

A Amburgo temos de pagar com sal, que he o fructo, que lhe damos de melhor conta, assucar, tabaco, e fruta de espinho. A Hollanda pa-

gamos tambem com sal, drogas do Brazil, e estamenhas, (que tambem levão Francezes, e Inglezes) e azeites; e estes annos levarão alguns vinhos do Porto, e outras couzas de menos conta.

A Flandes pagamos com alguma pedraria; que para Anvers particularmente sahe a que temos. Mas he certo, que não temos com que commutar tudo o que recebemos: são com tudo os Hollandezes tão senhores do commercio do mundo, que ainda que seja com pouca conta, tomão tudo o que lhe damos; porque lhe dão sahida navegando o genero de fazenda. Tambem entre as couzas, que nos metem, he grande a despeza que nos fazem os Livros de Leão; e Hollanda as roupas, que são, olandas, cambraias, e ruens; e em fim outras muitas couzas, de que os nossos mercadores darão conta mais individualmente.

Entendo que Castella nos ajuda a pagar grande parte do dinheiro, que sahe; porque he certo que toda a moeda Castelhana, que entra de Castella (pelo genero que sabemos) sahe para as Nações referidas; se busca, e troca a toda a diligencia em Lisboa; porque lhe achão melhor conta, que ao nosso dinheiro.

Finalmente, a melhor prova do muito, que excede o que introduzem no Reino, ao que tirão, será o exame, que cada hum de nós pôde fazer em si mesmo: Qual he de nós, que traga sobre si alguma couza feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o panno de linho e chapato são obras nossas. Chapatos já se desprezão os nossos, e não se chama homem limpo o que não traz chapeo de França; não digo já a nobreza, e os seculares, a que o luxo, ou estimação errada, que se faz das couzas estrangeiras, podia fazer desprezar as naturaes; mas os religiosos mesmos se vestem communmente todos de sarjas, e pannos de fabricas estrangeiras: feito este reparo, veremos

facilmente, que não temos drogas, fructos, nem fazendas, com que commutar esta prodigiosa consumption, que fazemos no Reino, e nas conquistas,

CAPITULO 2.º

Este he o mesmo damno, em que tem cahido, e com que se tem empobrecido o Reino de Castella.

FIZ muitos dias huma particular observação entre as riquezas de França, e a pobreza de Castella: França sem minas está riquissima; os particulares, que tem só dous mil escudos de renda são pobres; os gastos das mezas; os adornos dos vestidos, e das casas; e o fusto das carroças, passão a hum excessu incrível. ElRey tem quarenta milhoens de renda; paga na guerra presente cento e sessenta mil Infantes, e quarenta mil cavallos: Hespanha tem minas, e recebe frotas carregadas de prata todos os annos, e está sem dinheiro; e necessita de que a Europa toda se arme para defendê-la de França. Isto não he cruz, que a historia nos deixasse escrito, he hum facto, que temos diante dos olhos. A razão desta differença he a do commercio, e não ha outra.

França mete em Castella mais de seis milhoens todos os annos em fazendas; e retira mais de seis milhoens de ouro em dinheiro e barras: só de roupas brancas de Bertanha, e Normandia dizem os Francezes, que metem em Castella oito milhoens de libras: depois desta observação fiz este argumento. Todo o commercio do mundo se faz ou por commutação de humas fazendas por outras, ou por compra e venda, pagando a dinheiro o que se recebe em fazendas, e drogas. França manda a Castella seis milhoens de ouro em fazendas; e não necessita das drogas, nem das fazendas de Castella,

logo faz o contracto por compra, e venda recebendo dinheiro; e daqui nasce a riqueza de França, e pobreza de Castella. Achei hum tratado Castelhano intitulado: Restauracion de España, composto por Dom Sancho de Moncada, Cathedratico de Escripura em Toledo, e offerecido no anno dezanove deste Seculo a Felipe 3.º, que me confirmou nesta opinião com provas tão evidentes, e com huma tão lastimosa relação das misérias de Castella, que cuidei, que se tivessemos a industria de nos prevenir á vista dellas, e de acudir com remedios aos mesmos damnos, que começão a nos maliciar, e caminharão a nos pôr no mesmo estado, poderamos justamente exclamar com aquelle verso Latino: *Felix quem facit aliena pericula castum.*

Referirei algumas das observações deste Tratado, e que servem a este discurso. Diz o Autor, que no anno de 1569, em que escreve, tinham entrado em Castella cento e vinte milhoens de ouro; de que não havia oitenta; sommas ambas increíveis! a que entrou por grande; e a que ficou por pequena. Examinando a causa, refuta a razão commum dos que dizem, que não as guerras de Flandes, e Italia; porque prova que até aquelle anno se tinha gasto, conforme as remessas, e assentos, trezentos milhoens; concluindo em fim, que valem mais as mercadorias, que entram em Castella estrangeiras, que as que sahem, trinta milhoens todos os annos: porci só hum dos muitos exemplos, que traz, que não serve pouco a este discurso. De vinte lavadeiras de lan, que diz havia naquello tempo em Castella, sahio quinhentas mil arrobas, que a tres cruzados importão milhão, e meio; e metto os estrangeiros em diferentes generos de lãs sete milhoens e meio, de sorte, que deste genero de mercadorias, excedido seis milhoens o que metião ao que tiravão.

Da ultima consideração, que fiz no Capítulo

passado, tiro hum argumento infallivel. Não ha pessoa nenhuma em Castella, que ao menos não gaste todos os annos seis cruzados em mercadorias estrangeiras; e que havendo em Hespanha (não de clara se comprehende Portugal) seis milhoens de almas, fazem trinta e seis milhoens todos os annos de gasto, só com as fazendas, que servem ao uso de vestir; e elle confessa (e eu o creio) que diz pouco em dar a cada pessoa seis cruzados de gasto somente. Seria conveniente, que S. A. R. mandasse fazer a conta, do que entra no Reino de fazendas estrangeiras, e o valor dellas; e do valor, generos, e fazendas, que os estrangeiros tirão, com distincção particular, para averiguar a verdade infallivel deste discurso.

Continuar-se-ha.

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso (1).

A Oeste das cabeceiras do Arinos, na latitude de 13°, e longitude de 321, tem as suas mais remotas fontes o famoso Paraguay, que correndo ao S por huma extensão de 600 leguas vai entrar no Oceano pela sua amplissima boca, conhecida pelo nome da do rio da Prata. As cabeceiras do Paraguay ficão 70 leguas a NE de Villa Bella, e 40 a N da Villa do Culabá, divididas em muitos ramos, os quaes correndo ao S já formados rios, se vão successivamente reunindo para formarem o al-

(1) Esta Descripção foi feita em 1797 pelo Sargento Mór do Real Corpo dos Engenheiros Ricardo Francisco de Almeida Serra.

veo deste maximo rio, logo caudaloso e navegavel, e cujas primeiras fontes encerrão copiosos, mas vedados thesouros.

A O, e a pouca distancia das origens do Paraguay, tem o seu nascimento o rio Sipotuba, que desagua na margem Occidental do primeiro, na latitude de 13° 50', com 60 leguas de correnteza. Na parte superior deste rio, e proximo do seu braço de O, Jurubaúba, já se trabalhão minas de ouro, que forão abandonadas, perdendo-se até o lugar da situação, por não corresponderem as esperanças daquelles primitivos tempos. No Sipotuba vive a nação de Indios barbados, mansa, e valentissima, assim chamada por ser a unica destes sitios, que, conservando copiosas barbas, se distingue das outras, cujos homens nesta parte se não dissemelhão das mulheres.

O pequeno rio Cabaçal, tambem aurífero, entra no Paraguay pela mesma margem, 3 leguas inferiormente á foz do Sipotuba. As suas ribeiras são habitadas pelos Bororós-Aravirás (mistura de duas nações differentes), os quaes em 1796 mandarão a Villa Bella solicitar a nossa amizade por quatro Indios, entre os quaes se distinguão dous dos principaes da sua tribo, que vinhão acompanhados de sua Mãe. Nas vizinhanças vive a nação Purarióné.

Huma legua abaixo da foz do Cabaçal, na margem de E do Paraguay, e na latitude de 16° 3', e longitude de 320° 2', existe Villa Maria, pequeno, mas util estabelecimento, fundado em 1778.

Sete leguas ao S de Villa Maria, na latitude de 16° 24', desagua na margem opposta do Paraguay o rio Jaurú. Este rio he notavel não só pelo marco de limites, que em 1724 se collocou meia milha abaixo da sua foz, no acto das demarcações, mas por ser todo elle, com os terrenos, que formão a sua margem meridional Portuguez, e limi-

trofe com os Dominios Hespanhoes. Nasce o Jaurú nos campos dos Parecis na latitude de $14^{\circ} 32'$ e longitude de $319^{\circ} 13'$, e correndo ao S até a latitude de $15^{\circ} 45'$, lugar em que se acha o registro, que delle toma o nome, volta depois ao SO, cujo rumo segue por espaço de 34 leguas, até desembocar no Paraguay, depois de 60 leguas de curso total. As copiosas Salinas denominadas do Jaurú, de que os Portuguezes tem extrahido sal desde o principio da fundação da Capitania de Mato Grosso, começaram no interior do paiz, 7 leguas distante do registro, e continuão para o S, inclinando para O, até a latitude de $16^{\circ} 19'$, lugar, que conserva o nome de Salina do Almeida, perpetuando a memoria do primeiro, que fez esta labutação. Estas Salinas estão postas ao longo de huma larga e pantanosa varzea, que cria os mesmos pescados, que o Paraguay, e cujos terrenos circundantes são povoados de grandes matos. Este salitroso lago fica pouco distante da margem do Jaurú, e no terreno intermedio, alto, e coberto de bellas matas, existe a serra de Burburena, a E da Salina do Almeida. Esta caverna communica-se ao Poente com outra chamada Pitas, passada a qual, seguindo o mesmo rumo de O, já por enxutos e altos campos, se observão grandes espaços circulares, fechados pela especie de palmeiras chamadas Carandás, cujas superficies estão cobertas de alvas crostas de sal, de que não habil talvez tiraria grande partido. Terminão estes campos 9 leguas a O da tapera do Almeida, na latitude de $16^{\circ} 21'$, em hum grande pantanal chamado Pao-apique, que corre ao S a unir-se com os antecedentes, e fica encostado á face de E da serra, a qual, tendo neste paralelo a sua extremidade austral, corre de S a N a formar a que se passa na estrada geral de Villa Bella para o Cuiabá, 10 leguas a E daquella capital, serra, em que existem os seus arrayaes. Pe-

la Salina do Almeida passa a estrada, que vai do registro do Jaurú para a Missão Hespanhola de São João de Chiquitos, com 50 leguas de caminho, mais de huma vez trilhado pelas duas nações confinantes.

O ponto da conflúencia do Jaurú com o Paraguay he summamente importante, porque defende e cobre a estrada geral entre Villa Bella e a Villa do Cuyabá, e os seus intermedios estabelecimentos; e igualmente fecha, com a privativa posse e navegação destes dous rios, a entrada para o interior da Capitania de Mato Grosso, principalmente pelo Paraguay, que deste lugar para cima offerece huma livre navegação até perto das suas diamantinas fontes, sem mais obstaculo do que huma grande catadupa, inferiormente, e proxima destes ricos lugares. Meia millha abaixo deste ponto, sobre a margem Occidental do Paraguay, e 6 braças em distancia do rio, existe, orientado diagonalmente, o marco de limites de que fallei. He hum tronco de piramide recta quadrangular, assentado sobre a sua correspondente base, e rematado por huma pequena piramide tambem quadrangular, de cujo vertice nasce huma cruz de quatro braços iguaes, de trez palmos e meio de altura; tudo de bello marmore. Os trapezoides, que formão as faces do tronco tem 12 palmos de altura; o maior dos lados parallelos tem $5 \frac{1}{2}$ palmos de comprimento, e o outro 4: o todo deste padrao tem 23 palmos de alto. Em cada huma das faces trapezoidaes está gravada a sua inscripção. Na que olha para o Paraguay, debaixo das armas de Portugal, se lê—

SUB JOANNE QUINTO LUSITANORUM
REGE FIDELISSIMO.

Na face opposta, em que se vem as armas de Hespanha,

SUB FERDINANDO SEXTO HISPANIE
REGE CATHOLICO.

Na face, que defronta para o SO, e centro do paiz.

JUSTITIA ET PAX OSCULATÆ SUNT.
Na face opposta, que olha para o Jaurú,
EX PACTIS FINIUM REGUNDORUM CON-
VENTIS. MADRID. IDIB. JANUAR.
M. DCC. L.

As altas serranias, que vem desde as fontes do Paraguay, abeirão no rio, fronteiras á foz do Jaurú, e findão 7 leguas abaixo della, com 80 de extensão, no Morro-escalvado, na latitude de 16° 43'. A E deste monte são tudo pantanacs, e o leguas abaixo delle faz barra na mesma margem oriental do Paraguay hum profundo escozante, ou rio descoberto em 1786, a que dei o nome de Rio-novo, o qual pôde dar navegação até muito perto de S. Pedro d'ElRey, logo que se cortem os aguapés, e outras plantas aquaticas, que confundem o seu alveo com os largos pantanos, que o bordão. Os ribeirões de S. Anna, de Bento Gomes, e outros, que se passam na estrada do Cuiabá a O do Coaens, são as mais remotas fontes deste rio.

Na latitude de 17° 33' principia a ser montuosa a margem occidental do Paraguay, na ponta de N da serra da Insua, que 3 leguas a S faz huma profunda quebrala, para formar na latitude de 17° 43' a boca da lagoa Gaiba, que para o Poente se estende pelo interior das terras; havendo desta lagoa hum largo canal de 4 leguas de extensão, que vem de N encostado á face de O da dita serra da Insua, por meio da qual se communica com a lagoa Uberaba, de pouco maior grandeza que a Gaiba, e de 3 leguas de diametro, existindo por consequência a Uberaba contigua e ao N da mesma serra.

Seis e meia leguas abaixo da boca da Gaiba, defronte desta margem montuosa do Paraguay, desagua na sua margem Oriental, e na latitude de 17°

55' o rio de S. Lourenço, antigamente denominado dos Porrudos; o qual navegado 26 leguas recebe pela sua margem de O o rio Cuiabá na latitude de 17° 20', e longitude de 320° 50'. Ambos estes rios são bastante extensos: o de S. Lourenço tem as suas fontes pela latitude de 15°, quarenta leguas a E da Villa de Cuiabá, e recebe, além dos braços cortados pela estrada de Goiaz, outros que lhe entrão pelo Oriente, como o Parnaíba, o Pequiri, que recebe o Jaquari, o Itiquira, todos de mediana grandeza, mas navegaveis. O Itiquira já foi navegado até as suas cabeceiras, das quaes se passarão as canoas por terra a tomar agua do rio Sucuriu, que desagua no Paraná 4 leguas abaixo da foz, que o Tietê fórma, entrando pela Oriental e opposta margem. Os rios Itiquira e Sucuriu tem menos e menores catadupas do que os rios Taquari e Pardo; o varadouro he mais commodo e breve que o de Camapoa; e por isso esta navegação, sendo mais facil e prompta, offerece maiores vantagens do que a actualmte praticada pelos dous ultimos rios; mas dous obstaculos empecem á fruição destas vantagens, o gentio, e a falta de hum estabelecimento, como o de Camapoa, em que os viajantes possam refazer-se de mantimentos, e do necessario para proseguirem a vante.

A navegação para a Villa de Cuiabá pelo rio deste nome desde a sua confluecia com o de S. Lourenço, he breve, e facil. Nas primeiras dez leguas se passou as não pequenas Ilhas Ariacuné, e Tarumás, e se chega a hum grande bananal plantado na margem de E deste rio, sobre hum aterro consideravel feito com bastante trabalho, por que inda acima deste lugar chega a maxima cheia do Paraguay. Pouco mais de 4 leguas acima, e ao S do bananal, entra no Cuiabá pela sua margem oriental o Quachó-uacú; e pela mesma margem 7

leguas acima deste recebe tambem o Quacho-mirim. Do Quacho-mirim se navega com repetidas e muitas voltas ao rumo de NNE, por espaço de 11 leguas, até á boca inferior do furo, ou até a ponta da Ilha Pirahim de 9 leguas de extensão ao mesmo rumo. No canal de E, que he o mais largo e breve, ha contiguas outras tres Ilhas, e neste espaço pela mesma margem oriental recebe o Cuiabá varios arroyos, e o rio Cuiabá-mirim. A dita ponta de S da Ilha Pirahim está na latitude de $16^{\circ} 18' 52''$. Daqui com grandes voltas descreve o rio huma semicircunferencia de 42 leguas, em cujo espaço lhe entrão pela margem oriental os rios Croatacuacú, Croara-mirim, e o Coxipó. Finalmente chega-se á Villa do Cuiabá: situada huma milha a E da margem deste rio, na latitude de $15^{\circ} 36'$, e longitude de $321^{\circ} 35'$, noventa e seis leguas a E de Villa Bella, e na mesma distancia da foz que este rio, unido com o de S. Lourenço, faz em Paraguay. As minas do Cuiabá forão descobertas em 1718; estabeleceu-se o arrayal em 1723, e criou-se Villa em 1727: presentemente he hum grande povo, que com as suas dependencias monta a 183 almas. O paiz he fértil em carnes, pescados, fructas, e hortaliças; as minas são bastante ricas, mas em tempo de seca faltão as agos para minerar; dellas se extrahem annualmente 20 arrobas de ouro, de toque superior a 23 quilates. Os habitantes são de huma constituição robusta.

O arrayal de S. Pedro d'El-Rei, que fica 21 leguas ao SO da Villa do Cuiabá, he o maior dos seus adjacentes estabelecimentos; tem perto de 20 habitantes; está na latitude de $16^{\circ} 16'$, e longitude de $321^{\circ} 21'$, proximo á margem Occidental do ribeirão de Bento Gomes. Legua e meia ao S. do arrayal forma este ribeirão huma grande bahia, que denominação do Rio de Janeiro, desde a qual se seguem para O vastos pantanais, que vão entrar no Para-

guay, de que distão 20 leguas, pelo Rio-novo. O rio Cuiabá tem as suas fontes 40 leguas acima da Villa a que dá o nome, e na maior parte desta extensão, e inda 14 leguas abaixo são as suas margens cultivadas.

Quatro leguas inferiormente á boca principal do rio de S. Lourenço, na latitude de 18° e quasi $21'$, e longitude de $320^{\circ} 13'$, abeira no Paraguay a serrañia, que borda desde a Gaiba a sua margem Occidental, chamada neste lugar Serra das pedras de amolar, por serem aqui as que a formação desta natureza. Este lugar he o unico pouso, que se não alaga nas enchentes do rio, por ser na escarpa desta alta serra, por isso frequentado sempre dos viajantes. Aquella serrañia inda continúa inferiormente duas leguas para o S, em que pega na dos Dourados, abaixo logo daqual ha hum furo na margem de O do Paraguay, que encanando entre dous altos e destacados montes denominados Cheinés, conduz ao lago Mandioré de 5 leguas de longo, e o maior do Paraguay. A O destas serras, que bordão a margem Occidental deste grande rio, existe huma grossa cordilheira de montanhas, entre as quaes medea como hum valle de vinte leguas de extensão, e de pouco mais de 3 de largura, em que existem ao N a lagoa Vberaba, no centro a Gaiba, e ao S a Mandioré. A Gaiba tem hum canal de huma legua de extensão, que corta as serras, que formão a sua margem de O, por meio do qual ella se communica com a Gaiba-mirim, menor lagoa de huma legua de comprimento. A extremidade de N da mencionada cordilheira, chamada Ponte de lites, fica 7 leguas a O da lagoa Vberaba, aqual tambem se communica por canal semelhante com outra maior, que cobre ao N a dita ponta. Por estes lugares vive o gentio Quató.

Dos Dourados corre o Paraguay ao S até á serra de Albuquerque, que elle toca perpendicularmen-

te na sua face de N., sobre aqual está a povoação de Albuquerque, na latitude de 19° , e longitude de $320^{\circ} 3'$. Esta serra tem muita pedra calcarea, e he o melhor torão, que se encontra do Jauri para baixo em ambas as margens do Paraguay; e só podem entrar em competencia, pela sua maior extenção, as serras, que bordão a O as lagoas Mandioré, e Gaiha, accessiveis, e cobertas de altos e densos matos.

De Albuquerque volta o Paraguay a E., encostado ás serras deste nome, que findão com 5 leguas de extenção na serra Rabicho, em frente da qual, na margem do N., e o posta do rio, está a boca interior e de S do Paraguay-mirim, que he hum braço do Paraguay, que termina neste lugar, formando huma Ilha de 14 leguas de extenção de N a S: por este canal seguem as canoas no tempo das cheias.

Da boca do Paraguay-mirim vai o rio voltando ao S até a foz do rio Taquari, navegando todos os annos pelos comboys, que nas proprias monções fazem a viagem transcripta em o numero 5.^o do primeiro semestre deste jornal. Esta viagem, que se destina a fazer o commercio do S. Paulo com a Capitania de Mato-Grosso, parece muito menos vantajosa do que a praticada desde a Cidade maritima do Pará até Villa Bella, pelos rios Amazonas, Madeira, Mamoré, e Guaporé, não só porque o numero de catadupas, que nesta se encontram he sómente de 17, mas pelo maior cabedal de agos destes, que dão franca navegação a grandes botes e canoas, que recebem o quintuplo da carga, que podem conduzir as que fazem a outra carreira. Além destas ha inda outras ponderosas razoes, que se hirão notando no decurso deste escripto.

Cinco leguas abaixo da foz do Taquari entra pela mesma margem no Paraguay o rio Embotetiú, hoje Mondego, navegado antigamente pelos mesmos comboys de S. Paulo, os quacs entrando pes-

lo rio Anhandai-uçu, braço meridional do Paro, com mais cataratas, e maior varadouro, passavo as canoas para o Embotetiú, pelo qual entravão no Paraguay. Na margem do N do Mondego, 20 leguas acima da sua foz, fundarão os Hespanhoes a Cidade de Xerés, que os Paulistas totalmente destruíro pelos annos de 1626, e cujos vestigios ainda forão observados pelo Capitão João Leme do Prado, que em 1776 foi reconhecer aquelle rio. Dez leguas acima deste lugar, e nas serras, que formão a parte superior do Embotetiú, ha tradição que existem ricas minas.

Onze leguas abaixo da foz do Mondego existem dous altos e illhados montes, situados cada hum em sua margem do Paraguay, e na extremidade da escarpa do S, do monte do lado de O, proximo á borda do rio, está o Presidio da Nova Coimbra, na latitude de $19^{\circ} 55'$, e longitude de $320^{\circ} 2'$, fundado em 1773 por Luiz de Albuquerque. Este he o ultimo e mais austral estabelecimento Portuguez sobre o grande Paraguay, e que foi erradamente considerado como a chave da sua primitiva navegação. He verdade que este rio no tempo da sua seca, que dura menos de metade do anno, corre encanado entre estes dous montes; mas he necessario advertir que tanto acima como abaixo deste ponto são as suas margens de tal modo algadas a maior parte do anno, que consentem huma navegação desimpedida. Estas aguosas campinas comecção muitas leguas inferiormente ao paralelo de Coimbra, e vão sahir ao Paraguay muito acima deste Presidio; donde se conclue que aquella supposição era van.

O monte, em que está o Presidio de Coimbra he notavel pela celebre gruta, que occulta em seu seio, a que o vulgo chama do Inferno, observada pela primeira vez em 1786 na diligencia do reconhecimento, que se fez de grande parte do Paraguay

de que fui encarregado. Desembarcando na ponta de N deste monte, andei 45 passos atravessando os matos, que o circundavam, e 145 subindo a sua escarpa, até dar em duas aberturas rectangulares, talhadas na penha viva. Então deslizando-me por hum destes boqueiros, cahindo de penedo em penedo, fui descendo, até que me achei em hum salão sotterraneo de 50 palmos de comprido, e 25 de largo: o seu tecto em forma de abobada compoem-se de hum grande lage inteiriga; e as duas aberturas rectangulares, vasadas nesta penha, são como duas claraboias, que communicão os raios do dia a esta famosa caverna.

Desta abobada pendem muitas piramides agudissimas da pedra chamada Stalactites, formadas por antiquissimas lapidificações, de varia, e algumas de consideravel grandeza. O pavimento he alastrado de soltos penedros, e de outros solidos perpendiculares da materia das mesmas piramides, superabundancia do succo da sua formação. Para a parte do S vai esta abobada cahindo em 45° para o coração do monte, e juntamente com o pavimento, que tambem pende para o mesmo lado, forma humurna fuma atravessada de penedros, cujo fundo se perde na escuridade: a sua largura em cima he de hum braço, e em baixo parece de 3 palmos. Hum pedra, que deixei cahir gastou 5 segundos até chegar ao fundo visivel.

Em 1791 o Doutor Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que se achava em Mato Grosso, visitou pela segunda vez esta famosa gruta, por ordem, que teve do nosso Ministerio. E descendo ao salão descripto, se conduziu, a favor de mil luzes, pelo boqueirão formado pelo seu tecto e pavimento, o qual se perde na profundidade de 100 palmos de escarpa, cheio de enormissimo entulho das pedras abatidas da abobada, que constitue o tecto; até que, vencido este tenebroso principio, se

achou na entrada de outro maior salão, sobre o qual elle se explica deste modo. „ Eis-aqui onde a natureza nos tinha preparado hum maravilhoso „ espectáculo; porque, olhado á primeira vista, o „ todo que se me offerceu, depois de distribuidas „ as luzes em proporcionadas distancias, foi hum „ Mesquita sotterranea, que observada por partes, „ cada hum das apresentava aos olhos pasmados „ hum differente e interessante perspectiva. O es- „ pectador, collocado á entrada deste salão, observa „ no seu fundo hum magnifico templo, todo de- „ corado de curiosissimos Stalactites: hums penden- „ tes da abobada, que constitue o tecto, á maneira „ de outras tantas goteiras susiformes, curtas, ou „ compridas, grossas ou delgadas, redondas, com- „ pressas, simples, bifurcadas, ramosas, verrucosas, „ tubarosas &c.; outros sahindo do pavimento, á „ maneira de pilares, columnas, columelos lizos, „ ou acanelados, pavilhoens de campo, e hum tão „ grosso, que dous homens o não abrangem &c. Ao „ lado esquerdo da mesma sala se deixa ver como „ debruçada sobre ella, huma soberbissima cascata „ natural, com todas as suas pedras cobertas de „ incrustações espathosas e calcareas, que pela „ sua alvura representão vivamente os borbotões „ espumcos, que farião as agouas precipitadas da- „ quella altura. Em outra parte porém do mesmo „ lado parece que a natureza se moldou ao gosto „ da architectura gothica: por aqui se vem espa- „ lhados diversos labirintos, cada hum dos quaes „ de per si constitue huma curiosissima gruta. Vio-se „ que tão somente o salão, incluída huma recamara, „ tinha 510 palmos de comprimento: pôde alli „ aquartelar-se á vontade hum corpo de mil homens. „ Todo o seu plano he irregular, e se tinha con- „ vertido em hum lago de agoa salobra, porém „ fria e cristalina.

Não obstante o cuidado, e o grande numero

de luzes, com que se fez esta indagação, no anno seguinte o Tenente Coronel Joaquim José Ferreira achou que de huma das camaras, ou fundos desta celebre e grande gruta, se passou a outra de não inferior grandeza e curiosidade. Semelhantemente depois delle o Ajudante Francisco Rodrigues do Prado, actual Commandante de Coimbra, achou outra não menor, contigua, e communicada da mesma fôrma com a precedente; e por ventura haverá inda muito que observar nas entranhas desta caverna sotterranea. Quando o rio sêca, fica hum correjo, ou ribeiro formado neste grande espaço sotterraneo, que se communica com o Paraguay, pois nelle se achou vivo e nadando hum não pequeno Jacaré.

Continuar-se-há.

POLITICA.

Allemanha.

Francisco I., por Graça de Deus Imperador da Austria, Rei da Hungria, Bohemia, Gallicia, e Lodomeria, &c. Archiduque da Austria, &c.

Os acontecimentos dos annos passados, e particularmente do que ha pouco expirou, devem necessariamente ter a mais evidente influencia nas relações do nosso Imperio. A paz e a guerra, a prospera ou desastrosa situação dos Estados nossos visinhos, indispensavelmente alterão a tranquillidade, e o bem do povo, que a Providencia nos confiou.

Os nossos vassallos reconhecerão agradecidos quanto nos havemos empenhado em tornar os esforços, e que nos tem obrigado o estado das cousas, compatíveis com os grandes interesses e prosperidade de nossos vassallos. Não só o nosso Imperio, mas toda a Europa, se convencerá plenamente que

o objecto das nossas diligencias, — o alivo de todos os grandes e extraordinarios sacrificios, que se tem exigido das nossas Provincias o anno passado, — tem sido o estabelecimento, se he possivel, de huma tranquillidade, fundada sobre firmes alicerces.

E como nos lisonjeamos com a esperanza, na imminente crise da sorte da Europa, de tornar proveitoso aquelle peso, que o estado da nossa monarchia, e as nossas relações com outras Potencias nos segurarão, em geral, para o interesse commum, do qual he inseparavel o nosso; por tanto vem a ser da maior necessidade, constituir-nos, pelo augmento da nossa força militar, em hum condição perfeitamente accommodada a tão importante resolução.

Quanto maiores tem sido as provas, que o nosso povo nos tem dado da sua affeição e fiel cooperação nos importantes e difficeis periodos do nosso reino, tanto mais razão temos de contarmos com a sua pronta vontade em fazer todos os esforços, nesta crise a mais importante de todas, que ha de decidir do estabelecimento de hum estado de descanço com todas as suas felices consequencias, tão necessario a todos, e que he o objecto de tão arduos dezojeos.

Sem embargo, o objecto dos nossos paternaes desvelos tem sido conseguir os meios de supprir as nossas consequentes extraordinarias necessidades por hum plano, que sem exigir de nossos vassallos sacrificios tão immoderados, que perturbem a prosperidade do nosso systema de finanças; ou os mais importantes trabalhos da industria, mostre melhor a confiança, que pomos no nosso povo.

Como ainda persistimos nas resoluções, que fizemos saber na Ordenança de 20 de Fevereiro de 1811, de nunca, por motivo algum, augmentar o numero dos bilhetes de resgate (*Redemption bills*), achamos necessario estabelecer hum fundo conside-

ravel e immediatamente applicavel, por modo de anticipação, sobre huma porção das rendas mais seguras do estado. Por tanto resolvemos, e ordenamos o seguinte:

1. Para credito deste fundo de anticipação, destinamos a somma annual de 3:750 florins, que por doze annos successivos, contados de 1814, será annualmente separada para este fim da receita das rendas de terras nas nossas provincias Allemans, Bohemias, e Gallicianas.

2. Por quanto a Junta do Resgate e Extinção, pelo completo desempenho dos deveres, que lhe estão confiados, tem merecido a nossa gratidão e a geral confiança, pomos tambem em suas mãos o manejo exclusivo dos fundos referidos.

3. Para este fim a sobredita somma de 3:750 florins, proveniente da receita das sizas das terras, será paga annualmente á Junta de Resgate e Extinção, pelo qual meio receberá, dentro do prefixo periodo de 12 annos, a somma de 45 milhoens de florins.

4. Mas porque o todo deste fundo pôde ser applicavel, segundo a occasião requer, para pagar as despesas extraordinarias, authorisamos a dita Junta para preparar bilhetes de anticipação, até a somma de 45 milhoens de florins, e pôlos a disposição do nosso *exchequer*.

5. Outra ordenança fará conhecer a fôrma destes bilhetes de anticipação, segundo as suas varias subdivisões.

6. A Junta de Resgate será responsavel pela extinção annual, desde o anno de 1814, de huma somma de 3:750 florins em bilhetes de anticipação, e regularmente se fará conhecer o exacto cumprimento desta obrigação.

7. Como os bilhetes de anticipação, que desta maneira virão a entrar em circulação, estão cobertos por hum amplo fundo da mais segura natureza,

por meio do qual será completamente extincto dentro do periodo de doze annos — por tanto ordenamos que sejam recebidos em seu pleno valor em todos os pagamentos ao *Exchequer*, bem como em transacções particulares, e em todas as outras vias, porque forem empregados.

Dado em Viena a 13 de Abril de 1813.

Francisco.

Suecia.

O Principe Real, Generalissimo, a seus camaradas do interior.

Soldados! — O Rei, ordenando-me que fosse tomar o commando do seu exercito na Pomerania, me encarregou de deixar na Suecia dois corpos do exercito assás numerosos para segurar as fronteiras do Reino, e obrarem offensivamente no ponto, em que o exigirem a honra e o interesse da Patria. Estes corpos serão commandados pelos Marchaes Toll e Essen. Prestai-lhes a vossa confiança; vós o deveis a seus serviços, a seu patriotismo, e a sua experiencia.

Eu me separo do meu Rei, de meu filho, e de vós, por algum tempo; não para hir perturbar o descanso dos povos, mas sim para cooperar á grande obra da paz geral, á qual anelo ha tantos annos os Soberanos e as nações. Soldados! — Huma nova carreira de gloria, e novos mananciaes de prosperidade, vão abrir-se para vossa patria. Tratados fundados sobre huma san politica, e que tem por alvo a tranquillidade do Norte, affiança a união dos povos da Scandinavia. Tornemo-nos dignos dos bellos destinos, que nos estão promettidos.

dos; e os povos, que nos estendem os braços, não têmção que arrender-se de sua confiança em nós.

Soldados! — Nossos antepassados se distinguão por hum a braveza arrojada, e hum valor acisado. Unamos a estas virtudes guerreiras o entusiasmo da honra militar, e Deus protegerá as nossas armas.

Carlsrona, 8 de Maio de 1813.

Carlos João.

Rio de Janeiro.

HUM dos objectos, que merecerão sempre a attenção dos Soberanos, he a communicação reciproca dos seus povos. Esta serve, não só de facilitar o commercio (o que já por si era hum grande bem); mas até de propagar a civilização, e com esta as vantagens da Sociedade. O Príncipe Regente Nosso Senhor, havendo venturosamente chegado a este Continente, pôz todo o Seu esmero em felicitar povos, que, pertencendo-lhe por herança, havião sido de novo conquistados pela ternura de Seu Magnanimo coração, e pelo prazer, que a Sua Augusta Presença havia despertado.

Como porém aos particulares apenas toca o desejo do bem publico, quando aos Regentes cumpre attentar aos meios de o conseguir; esta feliz concordia deu azo a se utilizarem os já bem acreditados talentos do Governador do Ceará. Repassado das verdades, que tenho apenas esboçado, elle desenvolveu o seu zelo e patriotismo, propondo a communicação interna, e externa da sua Capitania. Para a primeira empregou correios nas principaes seis Villas do seu districto, ás quaes, segundo as circumstancias, se ajuntarão mais duas; e para completar

este relevante destino, estabeleceu estafetas para outras cinco, ficando apenas para as tres mais proximas á Capital a communicação immediata com esta. E porque as creações novas são de ordinario dispendiosas, e os lucros comparativamente muito escassos, se vio obrigado a levantar hum pouco o porte das cartas para aquelles correios, e até a recorrer á liberalidade dos principaes moradores das Villas mais consideraveis, que voluntariamente offerecerão a quantia de mais de 7000 reis. Mostrando porém a experiencia que o simples porte das cartas pagava exuberantemente as indispensaveis despezas, desceo o preço respectivo ao modico de 120 reis por carta para o interior, e de 240 para o exterior; com alteraçoens relativas á distancia. E porque circumstancias, que occorrerão desde o 1.^o de Maio de 1812 até 2 de Março de 1813, fizeram immutar a escolha do centro de communicação entre as tres Capitãlias do Ceará, Maranhão, e Piauí, a que estava destinado o presidio da amarração, elegião-se novos pontos, cujo arbitrio ficou reservado ao Governador do Maranhão.

Desta maneira a Capitania do Ceará, não só ficou tendo hum communicação immediata com a Capitania de Pernambuco, cujas vantagens estão já sobejamente reconhecidas; mas até se estendem ás do Maranhão e Piauí, facilitando desta maneira a reciproca correspondencia de pontos distantes, e com esta faculdade animando o commercio, e propagando as luzes. He a parte mais grata do nosso dever pagar ao merecimento o justo tributo de louvor, e a nossa penna corre de bom grado neste assumpto.

O Governador e Capitão General do Maranhão, sendo consultado sobre este interessantissimo objecto, não só se prestou cordialmente a cooperar com as Vistas vantajosas do mencionado Governador, e em empregar os estorços ao seu alcance para este desempenho; mas até aproveitando a oportunidade se

propôz a huma nova e directa communicação com a Capitania da Bahia, e com os Sertões deste Continente. Demoremos a nossa vista por hum momento nesta notavel creação.

Reconhecida a difficuldade da navegação do Maranhão para esta Corte, e reciprocamente, em épocas determinadas, assim em consequência dos ventos constantes na mesma estação, como das correntes precipitadas durante ella, o unico recurso he a correspondencia por terra entre os lugares mais notaveis. Ha muito tinha lembrado esta providencia indispensavel ao bem publico, mas o seu desempenho estava reservado para esta epocha. Os Representantes do Nosso Augusto Soberano, animados daquelle fervoroso desejo de felicitar os povos do Brazil, que inflamma o Seu coração, tem accordermente empenhado as suas forças nesta briosa porfia. Em vez de correspondencias particulares em extremo dispendiosas, e só ao alcance dos mais abonados, se estabelecem facéis e frequentes communicações, pelas quaes não só se expeção avisos de commercio, mas até noticias familiares. O que parece logo da maior importancia he a correspondencia com a Corte, e esta se consegue facilmente dirigindo-se do Maranhão á Bahia, e desta Capitania á do Rio de Janeiro. Sua Alteza Real, para proteger este digno projecto, se tem dignado de expedir ordens aos respectivos Governadores para de mãos dadas desempenharem estas emprezas, e tem authorisado o Capitão General do Maranhão para impor o porte das cartas particulares, que forem enviadas pelo Correio, que se houver de estabelecer, proporcionalmente ao peso dellas; e quando não baste o seu producto, para propor o meio, que julgasse mais proprio, e menos oneroso aos povos e á Real fazenda, a fim de suprir a despesa necessaria.

Todos sabem quantas vantagens se colhem ao mesmo tempo deste estabelecimento: melhorão-se as

estradas, povoão-se as suas beiras; estende-se o commercio; gasta-se com a Sociedade a rudeza da solidão, e aquelles vícios inherentes ao estado de bruta cedeem o lugar ás virtudes sociaes. Cheios de prazer adiantamos as nossas vistas a essa epocha alorrenada, e bendizemos as Sabias Providencias do Nosso Augusto Soberano.

Obras publicadas nesta Corte no mez de agosto.

Tratado Elementar da Arte Militar e da Fortificação, composta para uso dos Discipulos da Escola Polytechnica e das escolas militares de França, por Mr. Guy de Vernon, Official Engenheiro e Professor de Fortificação na Escola Polytechnica. Tomo 1.^o Traduzido por Ordem Superior para uso da Real Academia Militar do Rio de Janeiro, com algumas alterações e notas criticas, por João de Souza Pacheco Leitão, Official no Corpo de Engenheiros.

Esta Obra, cujo merecimento he geralmente conhecido, se divide em tres Secções; a 1.^a trata da Tactica, a 2.^a da Artilharia, e a 3.^a da Castrensetação e Strategia. E porque este tratado não he propriamente hum livro elementar, como muito bem reconhece o Traductor, sendo em muitas partes hum livro de erudição, e composto para instrução de hum Engenheiro, foi necessario acrescentar muitos conhecimentos elementares, assim no corpo da Obra, como em algumas notas: a Tactica soffreu muito particularmente estas addições, porque (diz o mesmo habil Editor na nota a paginas 62), o A. não se propoem a hum Compendio de Tactica, porém sim a noções geraes para instrução dos Officiaes Engenheiros, dá saltos consideraveis no seu en-

cadeamento de materias, que nos tem sido bem difficil apesar de todas as transmutações, que lhe fizemos, a produzi-los em forma didactica...

Citaremos apenas hum exemplo, que illustrará esta asserção. A paginas 74 vemos em poucas linhas as evoluções particulares, e geraes, cujo desenvolvimento só por si faria hum volume consideravel, ainda que mediocrementre tratado; o que obrigou o erudito Editor a acrescentar as seguintes palavras: Vê-se pelo enunciado destas evoluções, que será necessario hum tratado particular para sua exposição de nenhum modo compativel com os alitamentos, a que nos propomos, nem tambem com as nossas forças acceleradamente postas em movimento, e talvez compromettendo o nosso credito; entretanto que se fôrma hum ensaio a novo trabalho, que será complemento deste, no decurso das lições se darão as instruções necessarias para os discipulos se porem em estado de resolverem por si mesmos estes problemas, que servirão a formar-lhes o espirito militar, e a particularmente instruirem-se nos livros, que cita o A., e nos nossos regulamentos e ordenanças. =

Nos pensamos, que assim os Appendices, como as Notas já correctivas, já ampliativas; humas vezes de erudição militar; outras accommodadas á differença de escola e ordenança, farão muito recommendavel esta Tradução; e portanto não querendo nasear o Leitor indifferente a este genero de applicação, convidamos os Militares á seria leitura e meditação desta Obra.

Relação dos factos, praticados pela Commissão dos Commerciantes de vinhos, em Londres, correspondentes da Companhia Geral da Agricultura dos vinhos do Alto Douro no Porto; em consequência

da Petição appresentada á Camara dos Communs em 12 de Julho de 1812, por certas pestoas, que se intitulão membros da extincta feitoria. Offerecida aos Senhores Neiva, e Sá, Agentes da Companhia em Londres. Com hum Appendix, que contem Documentos, Explicações e Illustrações. *Audi alteram partem.* &c. Por Ordem Superior.

Esta Obra contém varias Cartas; na 1.^a, que serve de preparação, se estabelecem tres principios muito notavies: 1.^o a Companhia não he hum monopolio: he hum comprador e exportador em concurso e competencia com os Feitores Ingleses; porém com a singularidade de que não quer estender o seu commercio exterior, antes procura limitá-lo, e que tem todo o esmero em conservar a qualidade e reputação do vinho do Porto, de que os Feitores tem tirado dez vezes mais beneficio do que a Companhia, e de que tem igualmente resultado grandissimo interesse a ambas as Nações: 2.^o Que a Companhia adiantando aos lavradores o dinheiro necessario para apromptarem as suas vinhas, a juro de 9 por cento, evita a oppressão dos mesmos lavradores, que sem este beneficio seriam obrigados a recorrer a hypotheças, e interesses, que em breve os privariam de suas propriedades: 3.^o Que este acontencimento pondo nas mãos dos Feitores os vinhos de todo o genero, sem fiscalisação alguma, estes exerceriam então hum verdadeiro monopolio, e com lotações proprias a augmentarem os seus interesses temporarios estragariam o credito deste genero; e desta sorte se perderia hum importantissimo ramo de Commercio.

Estes principios se achão mais ou menos desenvolvidos, tanto na exposição á Commissão do Conselho Privado do Commercio em 30 de Julho de 1812, como na carta ao Lord Visconde Castlereagh, da mesma data. Nesta se refutão as objecções dos feitores, e (o que he muito notarel)

se prova que „ aquella Petição, sendo apparente-
mente assignada com os nomes de 35 cazas, estas
se reduzem realmente a 19, por se achar assigna-
da por cada hum dos socios da mesma caza, como
se fosse o chefe de outra diversa; e estes mesmos
19 poder-se-hão ainda reduzir a Membros da Feitoria
extincta, e casas de Londres, as quaes poderiam
tambem reduzir-se a menos, fazendo-lhes hum se-
melhante abatimento. „ Nesta Carta se dá huma
idéa da creação da Companhia, do estabelecimento
dos Feitores, das providencias para a conservação
dos bons vinhos; denominando-a inspectora e fiscal
da qualidade do vinho. Não cabe nos curtos limites
deste Periodico seguirmos os argumentos, que se
achão espalhados neste escrito, mas não deixare-
mos esta Carta sem transcrever duas das suas pas-
sagens: a 1.^a he a seguinte.

„ Mas por ventura, My Lord, não he o
„ Governo de qualquer nação, quando o seu terri-
„ torio tem adquirido a geral estimação para hum
„ genero da sua particular producção, obrigado a
„ pôr em pratica todas as diligencias e precauções
„ convenientes para o proteger, para o augmen-
„ tar, e para o fazer verdadeiramente util ao
„ Paiz, conservando-o nos limites, que lhe marcou
„ a natureza, sem consentir que querendo esten-
„ der-se a sua quantidade além dos ditos limites,
„ venha a destruir-se huma reputação e conceito,
„ que dependendo de muitos annos para se esta-
„ belecer, pode em hum só anno arruinar-se
„ para sempre em grave prejuizo do bem de toda
„ a Nação? „ pag. 28.

A 2.^a he tirada da pag. seguinte.

„ Se por *commercio livre* se quizer entender
„ aquelle, em que cada hum pôde introduzir ar-
„ bitrariamente abusos contrarios á saude e com-
„ modidade do genero humano, a Companhia não
„ permite certamente esta illimitada soltura; mas

„ se o vigiar que o vinho seja fabricado com per-
„ feição e pureza, que se conserve nesta estado,
„ e que livremente possa ser comprado por preços
„ justos e racionaveis, sem algum embarço, ou
„ violencia, e com as mesmas condições que o
„ compra qualquer Portuguez de nascimento; de
„ maneira que entre o nacional e o estrangeiro
„ não haja outra preferença mais que a da priori-
„ dade de se apresentar para a compra: se hum
„ commercio assim regulado pôde justamente cha-
„ mar-se *commercio livre*, he indubitavel que os
„ Feitores gozão plenamente desta liberdade; assim
„ como não duvidamos affirmar que a abolição des-
„ tas saudaveis restricções seria muito perigosa e
„ prejudicial a ambas as nações. „

A pag. 83 começa a refutação das asserções
dos Feitores, o que termina na pag. 27, e expen-
de então os argumentos, que ao principio resumimos.
Seria fastidiosa huma miuda analyse dos docu-
mentos, que se seguem: mas he para notar que
muito frequentemente se empenha em arredar da
quelle estabelecimento o titulo de monopollio, e
isto com factos, que parecem innegaveis, mostrando
por exemplo a pag. 132 e 133, que ha 35 cazas,
que exportão vinhos, contando por huma a Com-
panhia (sendo muitas destas Inglesas), e de 1830 f
pipas exportadas em 1811, sendo só 7438 pela
Companhia, e destas muitas por conta e per-
ordens de Feitores, he claro que a Companhia he
huma caza, que está em perfeita igualdade com
todas as outras cazas nas compras e vendas, e não
pôde com verdade, propriedade, e justiça chamar-
se monopollio.

Tal he o esboço, que nos julgamos obrigados
a dar da referida Obra. Apresentando muitas vezes
as suas mesmas palavras, nos havemos inteiramente
desviado de huma questão alheia da nossa profissão
e dos nossos estudos.

Lei publicada nesta Corte ao corrente mez.

Alvará de 26 de Julho de 1813; Declarando o de 20 de Outubro de 1809, e Determinando que as Appellações Crimes interpostas por parte da Justiça pelos Juizes de Primeira Instancia sejam dirigidas aos Ouvidores das Comarcas, quando o caso das Sentenças couber na alçada destes; e ás Relações do Districto, quando a exceder.

Continuação do Estado da atmosphera

Julho.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grass.	Pol.	Vint. Mil.	
20	68	30	0	28	claro
23	68			14	
24	68½	29	19	30	
25	70			30	
26	70			8	denso
27	68½			20	chuvoso
28	68½	30	0	20	
29	66½			4	
30	66	29	19	14	denso
31	70		17	30	claro

Agosto.

1	70	29	19	42	
2	71½		16	26	trovoada
3	71			34	chuva
4	66½	30	0	18	enevoado
5	64½	29	19	12	claro
6	64½		16	30	dito
7	66			16	
8	65			14	
9	67		19	30	
10	66	30	0	4	
11	67			12	
12	65	29	19	30	
13	67		18	8	

INDICE.

AGRICULTURA.

- Memoria sobre o Café continuada do N.º 6.*
pag. 43. Por B.*** 3

HYDROGRAPHIA.

- Reflexões sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fencoca. Continuadas do N.º 1.º pag. 17* 12

MINERALOGIA.

- Continuação da Memoria do Dezbembargador José Bonifácio de Andrada.* 22

LITTERATURA.

- Continuação das Maximas, Pensamentos, e Reflexões Moraes. Por hum Brasileiro.* 29
*Apotheosis Poetica ao Ilustrissimo e Excellen-
tissimo Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza &c.
Por Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Pro-
fessor Regio de Rethorica, na Capital do Rio
de Janeiro.* 32
A ausencia de Armia. 36
*Descripção de huma tormenta. Por B.**** 38

ARTES.

- Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo sobre a introdução das Artes no Reino, que creceu sendo Enviado na Corte de Paris no anno de 1675.* 41

HISTORIA.

- Continuação da Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso.* 50

POLITICA.

- Decreto do Imperador da Alemanha, ordenando o giro do papel moeda até a quantia de 45 milhoens de florins* 54
Despedida do Principe Herdeiro da Suecia. 65
Noticia de novas estradas do interior, para facilitar a communicação das Capitancias Contraes. 66
Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto. 69
Continuação do Estado da atmosphera. 75